



GUSTAVO DIEHL/SECOM

Aprendizagem para além da teoria

Prática A Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade há 40 anos constitui-se em importante espaço de formação e reflexão profissional. Vinculada à Faculdade de Psicologia, o órgão une ensino, pesquisa, extensão e atendi-

mento à comunidade, por meio da atuação de alunos sob a supervisão de professores, e promove um trabalho interdisciplinar com colaboradores das áreas de Psicologia, Fonoaudiologia, Serviço Social e Medicina. Ricardo Giacconi (foto),

formado em Psicologia pela UFRGS, durante a graduação buscou a Clínica para sua primeira experiência prática de atendimento, e até hoje mantém vínculo com a instituição como extensionista. **P8 e 9**

EDUCAÇÃO

Os muitos lados da formação

O que motiva a busca de uma formação? Pode ser uma razão imediata, ligada à preparação mais direta para exercer uma profissão; ou, além dessa finalidade, pode haver também espaço para idealizar uma formação que contemple aspectos éticos ligados ao exercício da profissão. A professora da Faculdade de Educação da

UFRGS, Simone Bicca Charczuk, salienta a formação como uma etapa da constituição do sujeito mais abrangente do que a profissionalização, embora não os considere processos excludentes. “Estão imbricados, podendo um se sobressair em determinados contextos e situações formativas”, pondera. **P10 e 11**

MERCADO DE TRABALHO

Mudanças em curso

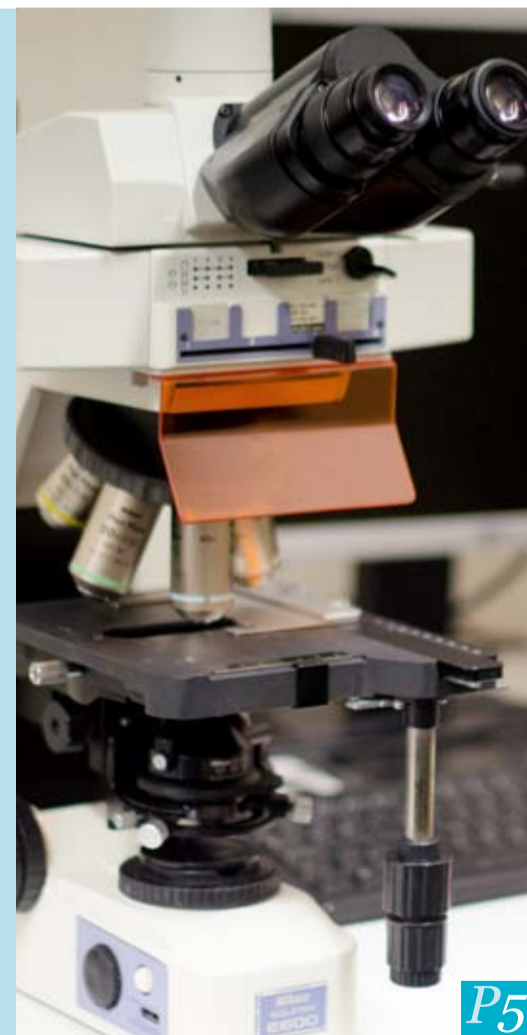
As estimativas de curto prazo do governo e de entidades empresariais a respeito da recuperação da economia e do aumento da empregabilidade contrariam a realidade de muitos brasileiros que enfrentam o desemprego. As mudanças nas relações de trabalho que vêm se configurando ao longo dos últimos anos trazem perspectivas de ex-

tinção de postos de emprego e lenta preparação da força de trabalho para um mercado em constante transformação. De acordo com os dados de levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em novembro de 2018, atualmente são 12,2 milhões de brasileiros na fila do emprego. **P6 e 7**

DESENVOLVIMENTO

Desafios para a ciência e a tecnologia

A ideia por trás do avanço científico é de que possamos usufruir de bem-estar, utilizando os inventos que cada vez mais adquirem vida própria. Para a diretora do Instituto de Química da UFRGS, Nádyá Pesce da Silveira, ao discutirmos o futuro da Ciência e da Tecnologia, é necessário reconhecermos o passado recente e imaginarmos o futuro da Ciência enquanto criação humana. Nesse sentido, ela ressalta que “os mecanismos de organização da Ciência feita no Brasil devem ser reanalisados”.



ROCHELE ZANONALI/SECOM

P5



PAULO ROBERTO OLIVEIRA ARQUIVO PESSOAL

PAIXÕES

Atividades revelam outras faces de profissionais da Universidade

P13

Atualidade

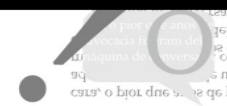
O crime e as consequências do vazamento de fotos íntimas na internet **P12**

Populismo

Cientista político identifica e discute a ascensão da extrema direita no Brasil **P4**

Calouros

Universidade oferece diversos benefícios e facilidades aos estudantes **P3**



Espaço da
Reitoria

Rui Vicente Oppermann
Reitor

Um lugar de destaque permanente

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul abre 2019 comemorando seus 85 anos, mas pode ser considerada uma instituição centenária, pois as escolas de Farmácia e Química e as faculdades de Engenharia, Medicina e Direito têm sua origem no século XIX, quando foram criadas como unidades isoladas.

Diferentemente da América espanhola, em que as instituições de ensino superior estão presentes há mais de 300 anos, no Brasil elas são recentes. No cenário brasileiro, as universidades federais do Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais e Rio Grande do Sul estão entre as mais antigas, mesmo assim são muito jovens, se considerarmos universidades europeias com mais de 800 anos de existência.

A consolidação e a longevidade dessas instituições, possivelmente, estejam baseadas na sua autonomia como espaço de reflexão crítica; na sua centralidade na busca do conhecimento artístico, cultural e científico; e na formação de quadros profissionais de alta qualidade. Na América Latina, em particular no Brasil, as universidades públicas são identificadas também pela extensão, parte essencial do tripé que caracteriza a interação entre academia e sociedade.

Nesse contexto, é animadora a percepção do

quanto o ensino superior público no país tem um lugar de destaque permanente, seja em sistemas de rankings, seja nos processos avaliativos do próprio Ministério da Educação. Esse é o caso do Índice Geral de Cursos (IGC), em que os dez primeiros lugares são ocupados por universidades públicas, sendo nove delas federais. O IGC avalia todo o sistema federal de ensino superior, englobando mais de 1.600 universidades, centros universitários e faculdades públicas e privadas. Ele analisa dados oferecidos pelas próprias instituições quanto ao ensino de graduação, pós-graduação, infraestrutura e pessoal. É, portanto, uma apreciação objetiva e auditável o que a faz ainda mais relevante.

Pelo sétimo ano consecutivo, a UFRGS se coloca como a melhor federal do país. Esse resultado vem a despeito das limitações orçamentárias impostas pela lei do teto para os gastos públicos e responde ao desafio de tornar nossa administração mais eficiente com a redução de custos e a otimização de serviços.

Ser a melhor federal do país nos seus 85 anos tem tudo a ver com a história da UFRGS, construída com a participação da sua comunidade na definição de políticas de desenvolvimento

institucional que privilegiam o fazer acadêmico com qualidade, a pesquisa de altíssimo nível em todas as áreas do conhecimento, a educação voltada para o futuro e a extensão universitária que promova o desenvolvimento sustentável de nossa sociedade. Nesse sentido, 2018 foi um ano marcado por conquistas: obtivemos o reconhecimento institucional do CNPq pela promoção da pesquisa e da iniciação científica, comemoramos os 30 anos da Iniciação Científica na UFRGS, inauguramos o Centro Cultural – que é uma referência de espaço público para a nossa cidade – e instituímos a Aliança para a Inovação, celebrada entre UFRGS, PUCRS e UNISINOS, projeto que representa um passo importante, concebido em conjunto com essas grandes instituições para promover um ambiente inovador e, assim, atrair iniciativas de desenvolvimento sustentável para Porto Alegre.

O desafio da expansão é permanente, e novas possibilidades precisam ser buscadas. A inclusão promovida nos últimos anos e as políticas sociais são iniciativas de extrema relevância, pois elas são capazes de desfazer o passado de exclusão socioeconômica, étnica e cultural que tanto caracterizou as universidades no passado.



Carta aos leitores

O ensino superior tem sido posto à prova por alguns segmentos no debate público – sobretudo na atuação de supostos intelectuais das redes sociais: acusam as universidades de degenerarem jovens. Para além do marco legal que garante autonomia universitária e liberdade de cátedra, é fundamental olhar para o impacto amplo que ensino, pesquisa e extensão têm na sociedade brasileira. O JU – entendendo seu papel institucional e seu lugar no serviço público – direciona seu olhar para a compreensão da UFRGS como agente social e pretende, assim, contribuir para o debate público a partir da oferta de um ponto de vista dissonante.

Nesse sentido – e também considerando que esta é a edição de abertura do ano letivo e, por isso, a primeira lida por muitos dos calouros –, buscamos trazer um elemento adicional sobre o papel das universidades como serviço público numa dimensão que, de tão ampla e intrincada, pode se tornar de difícil compreensão. Para angular o conjunto de reportagens que tratam de temáticas inseridas nesse mote, uma contextualização da atual conjuntura do mercado laboral no Brasil: mesmo que o acesso à tecnologia seja

facilitado por celulares e outros aparatos domésticos, ainda há uma massa de trabalhadores com pouca qualificação nessa área; há, pois, um problema de empregabilidade.

Para entender a posição da UFRGS como espaço de iniciação ao trabalho, apresentamos serviços-escola do Instituto de Psicologia: consistem em espaço pedagógico no qual estudantes e profissionais se qualificam e adquirem experiência reflexiva; ao mesmo tempo, oferecem um serviço às comunidades interna e externa que complementa a atuação do SUS. De modo a ampliar esse debate, outra reportagem trata de um dilema que está presente na própria concepção da universidade e que interfere na decisão dos jovens que a cada ano participam de processos seletivos: o ideal de uma formação mais ampla em contraposição à premência de uma formação profissional como garantia de trabalho. Ainda, três trabalhadores da Universidade contam como se constituem como indivíduos não somente a partir de suas escolhas profissionais, mas também de suas paixões mais pessoais.

Complementam a edição duas reflexões que integraram o conjunto de painéis realizado no final do ano passado no Centro

Cultural da UFRGS. Abordam o liberalismo conservador que impera historicamente no Brasil e que agora, mais uma vez, chega ao poder – adaptado ao contemporâneo – e os desafios para se gerenciar os processos de pesquisa em uma era em que avanços tecnológicos possibilitam novos modos de armazenamento, tratamento, troca e uso de dados. Uma matéria sobre o vazamento de imagens íntimas põe em debate uma questão cada vez mais presente nas dinâmicas de relacionamentos amorosos e sexuais.

Para fechar a edição, um ensaio comemorativo aos 85 anos da Universidade no qual a atuação dos estudantes em diferentes épocas nos mostra um pouco da memória institucional. Essa série, feita em parceria com o Museu da UFRGS, terá continuidade neste ano no instagram do JU: @jornaldaufrgs. Ainda, para nos inserirmos nessas comemorações, lançamos uma versão experimental do JU em ambiente digital. Buscamos, assim, amplificar nosso alcance com a publicação do conteúdo da edição impressa e também com matérias exclusivas para o site.

Boa leitura e nos acompanhem em ufrgs.br/jornal!

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Paulo Gama, 110 – Bairro Farroupilha,
Porto Alegre – RS | CEP 91046-900

Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor Rui Vicente Oppermann

Vice-reitora Jane Fraga Tutikian

Chefe de Gabinete João Roberto Braga de Mello

Secretário de Comunicação Social André Iribure Rodrigues

Vice-secretária de Comunicação Social Edina Rocha

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS

Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

E-mail: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial Alex Niche Teixeira, Ánia Chala, Angela Terezinha de Souza Wyse, Antonio Marcos Vieira Sanseverino, Carla Maria Dal Sasso Freitas, Cida Golin, Flávio Antônio de Souza Castro, Michèle Oberon de Souza, Ricardo Schneiders da Silva, Rosa Maria Bueno Fischer

Editor-chefe Everton Cardoso

Editora-executiva Jacira Cabral da Silveira

Editor-assistente Felipe Ewald

Repórteres Felipe Ewald, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein

Projeto gráfico Juliano Bruni Pereira

Diagramação Carolina Konrath

Fotografia Flávio Dutra, Gustavo Diehl e Rochele Zandavalli

Revisão Antônio Falcetta

Bolistas (Jornalismo) Bárbara Lima, Carolina Pasti, Emerson

Trindade Acosta, Isabel Linck Gomes e Natalia Henkin

Estagiários Henrique Moretto e Lucas Borghetti

Circulação Douglas de Lima

Impressão Gráfica da UFRGS

Tiragem 10 000 mil exemplares

O JU não se responsabiliza pelas opiniões expressas pelos autores em artigos assinados.

[f](https://www.facebook.com/jornaldaufrgs) [i](https://www.instagram.com/jornaldaufrgs) [t](https://www.twitter.com/jornaldaufrgs) jornaldaufrgs

ufrgs.br/jornal



A recepção aos calouros

Os cerca de 3,5 mil novos estudantes, distribuídos em 90 cursos de graduação, que ingressam anualmente na Universidade neste semestre têm diversos benefícios e facilidades para melhor circular e aproveitar a UFRGS. Confira algumas informações importantes:

Apps – O aplicativo *UFRGS Mobile* está disponível para as versões Android e iOS. Nessa plataforma, é possível ter acesso às notícias veiculadas na página da Universidade, ao cardápio e aos tickets dos restaurantes universitários (RU) e à renovação de empréstimos no sistema de bibliotecas da UFRGS. Há também a possibilidade de ativar a autorrenovação dos livros. Além disso, o aplicativo *UFRGS Mapas* funciona como um geolocalizador dos câmpus e prédios da Universidade. A ferramenta também é adaptada para Android e sistema iOS.

Cartão UFRGS – O Cartão UFRGS é a identificação necessária para utilizar os serviços de bibliotecas e restaurantes universitários e também para acessar prédios com acesso controlado. Ele é feito gratuitamente na Central de Identificação, no Anexo I da Reitoria, no Câmpus Centro. A foto é tirada nesse dia – ainda que possa ser refeita – e acompanhará o portador na trajetória acadêmica. Informações podem ser obtidas pelo telefone 3308-3038.

Com o número do cartão, o estudante também tem acesso ao Portal do Aluno, página na qual constam todas as suas informações acadêmicas. Lá é possível conferir o vínculo com a UFRGS, o histórico das disciplinas cursadas na Universidade, os horários das disciplinas oferecidas, bem como realizar a matrícula semestral e obter documentos, como o atestado de frequência. O cartão também é utilizado como login de acesso às plataformas de ensino a distância da universidade, como o Moodle.

Benefícios da PRAE – A Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (Prae) trata do atendimento à comunidade discente da UFRGS,



GUSTAVO DIEHL/SECOM

visando ao seu bem-estar. É a responsável pela política de assistência estudantil, englobando o acesso à moradia, o transporte, o apoio pedagógico, o esporte e a cultura. Disponibiliza também auxílios para alimentação, saúde, creche e material de ensino. Para garantir tais benefícios, é necessário estar atento aos editais publicados no site ufrgs.br/prae. Os solicitantes precisam comprovar a necessidade dessas assistências por meio da renda familiar.

Restaurantes universitários – Um dos benefícios mais procurados por alunos são os restaurantes universitários. Para acessar o RU,

o usuário deve ter em mãos seu cartão de identificação da UFRGS e o ticket eletrônico, que é uma sequência de seis dígitos (por exemplo, 123456), individual e intransferível. Essa numeração poderá ser única ou múltipla, ou seja, uma diferente para cada refeição adquirida, conforme opção do usuário no momento da solicitação.

Para a aquisição dos tickets, o usuário deverá acessar o portal de serviços (Portal do Aluno ou do Servidor) no menu “assistência estudantil”, no item “tickets RU”, onde poderá adquirir entre 6 e 50 tickets. Após a confirmação da compra, será emitido um boleto

para pagamento no sistema bancário. O documento será compensado entre 48 horas (Banco do Brasil) e 72 horas (demais instituições). Alunos pagam R\$ 1,30 e beneficiários Prae são isentos.

Cultura e lazer – A Universidade oferece uma ampla programação cultural. A Sala da Redenção, ao lado do Anexo I da Reitoria, é o espaço para assistir a ciclos de filmes e palestras gratuitamente. Ao lado, está situada a Sala Qorpo Santo, onde são apresentados espetáculos teatrais. Os principais eventos musicais estão concentrados no Unimúsica e no Som no Salão, ambos no Salão de Atos. Concertos e outros espetáculos musicais acontecem também no Auditorium Tasso Corrêa, no Instituto de Artes. Há exposições artísticas e dedicadas a outros temas também no Museu da UFRGS e nos espaços situados no prédio da Reitoria – a Galeria Maria Lucia Cattani, a Sala Fahrion e o Salão de Festas – no Câmpus Centro.

A Universidade também dispõe de um novo espaço multiuso, o Centro Cultural, localizado no antigo Instituto de Química Industrial. Lá é possível participar de eventos, exposições, palestras, debates, oficinas, ensaios e apresentações.

Diretórios acadêmicos – Os diretórios são formados a partir da associação de estudantes e, em geral, cada curso possui o seu. Funcionam majoritariamente para organização de eventos, palestras, melhorias em laboratórios, etc. A associação tem função de garantir o contato dos estudantes do curso com os órgãos de representação geral, discutir soluções para problemas do curso, tais como a falta de professores, mudanças curriculares, matérias mal planejadas, além de garantir que haja representação dos estudantes nos órgãos colegiados e departamentos, fazer a recepção de calouros, organizar confraternizações e fiscalizar a faculdade. Há também um Diretório Central dos Estudantes, conhecido como DCE.

Apoio psicológico

Embora não disponha de serviço de atendimento em saúde mental para os estudantes, a UFRGS oferece alternativas de acolhimento e orientação. O Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Atenção à Saúde (CIPAS) disponibiliza informações sobre promoção do bem-estar e prevenção ao suicídio no site ufrgs.br/saudemental.

A Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade é aberta à comunidade interna e

externa, e se situa na Avenida Protásio Alves, 297. O telefone é 3308-2024. Já os alunos que recebem benefícios PRAE dispõem de um serviço de orientação específico. Estes estudantes podem buscar informações pelo telefone 3308-3240 ou na sede da PRAE, no Câmpus Centro. Em caso de o aluno enfrentar angústias a respeito da carreira escolhida, o Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE) oferece orientação sobre o percurso acadêmi-

co e profissional. Informações pelo telefone 3308-5453 ou na sala 314 do prédio Anexo da Saúde, na Rua Ramiro Barcelos, 2777.

Desde agosto do ano passado, a Universidade mantém um Grupo de Trabalho (GT) com o objetivo de capacitar servidores para identificar os alunos em sofrimento e encaminhá-los para tratamento, caso necessário. Também serão realizadas atividades em diferentes uni-

dades da UFRGS para discutir temas relativos à saúde mental e à promoção de saúde. Segundo a coordenadora do GT, Cristina Rolim Neumann, estudantes que sintam necessidade de apoio psicológico devem procurar saber qual a sua unidade básica de saúde de referência, perguntando no posto de saúde mais próximo, consultando no site da prefeitura ou buscando informações com a Secretaria Municipal de Saúde pelo telefone 156, opção 6.



UFRGS TV

PESQUISA EM PAUTA

Os impactos socioambientais

Quando se fala sobre a produção de energia a partir da construção de hidrelétricas, costuma-se categorizá-la como uma produção sustentável, mas esse modelo de desenvolvimento, que atinge territórios rurais e indígenas, acaba afetando as comunidades que vivem nesses locais.

Conforme o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), 79% da energia produzida no Brasil vem de barragens cuja construção levou ao deslocamento de mais de um milhão de pessoas.

Tal contexto, inspirou a pesquisa de doutorado de Carmem Giongo, realizada no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. Seu foco foi a população atingida pela hidrelétrica de Itá, em Santa Catarina.

Foi um ano de convívio que resultou em mais de 40 pessoas entrevistadas, junto das quais ela pôde observar a forte relação dos moradores com o território e como essa relação havia sido afetada: “O que mais me marcou foi esse sentimento de abandono”.

Segundo ela, após quase 20 anos do início da operação da hidrelétrica, a população que ficou no local passou por grande isolamento social, sem estradas e energia, além da ausência de oportunidades de trabalho: “Se os estudos [realizados no Brasil] comprovam o sofrimento, por que nada é feito? Então, a grande questão da pesquisa foi entender como se constrói a banalização do sofrimento social e ambiental”.

Com os depoimentos, foi produzido o documentário *Atingidos somos nós*. “Esses relatos de sofrimento foram o que mais me marcou”, enfatiza a pesquisadora.

Luciana Forgiarini,
estudante do 8.º semestre de
Jornalismo da UFRGS

Assista ao programa

O programa Pesquisa em Pauta vai ao ar no dia 22 de março, na UNITV, Canal 15 da NET POA, às 23h. Também pode ser assistido pela Internet, através do site www.unitv.tv.br.



FLAVIO DUTRA/ARQUIVO JU - AGOSTO 2017



Neopopulismo de extrema direita

Helgio Trindade*

Este texto pretende – mais do que conjecturar sobre o “cenário político” atual e futuro – fazer algumas reflexões que permitam ao leitor, como cidadão, construir a própria análise da conjuntura para exercer o seu controle democrático sobre o exercício do poder governamental na esfera nacional, sem desarticulá-la dos estados federados e dos municípios.

Inicialmente, caberia uma qualificação de natureza conceitual sobre o uso e os abusos de certos conceitos políticos. Como exemplo, cito o atual uso abusivo e equivocado de “fascismo/fascistas” por políticos, militantes e a mídia. Alguns repetem desconhecendo seu significado, muitos reproduzem o que circula na internet, e outros usam deliberadamente para desqualificar os adversários. Essa comunicação entre a linguagem fabricada na e para a luta política e os conceitos elaborados por abordagens teóricas e pesquisas precisa ser restabelecida para uma boa análise da conjuntura. Se a política é “arte”, é também “ciência”!

Por mais complexa que possa ser a análise da conjuntura atual, ela não pode ser elaborada apenas com dados do contexto imediato, mas pressupõe um olhar retrospectivo sobre o padrão dominante do sistema político brasileiro e também alguns questionamentos: estamos diante de um novo tipo de regime político ou de uma variante de outros regimes que já tivemos no passado? Em outros termos, o governo Bolsonaro não seria um desdobramento radicalizado de experiências anteriores?

Se lançarmos um olhar longitudinal sobre a história política brasileira, constataremos que o traço dominante – da

monarquia à república – sempre foi a articulação híbrida entre o que denominei, em meu texto *Brasil em perspectiva: conservadorismo liberal e democracia bloqueada*, “praxis autoritária” e “lógica liberal” – publicado na obra *Viagem incompleta*, de 2000. Isso significa que sempre praticamos um “liberalismo-conservador” e nunca até hoje um “liberalismo-democrático”. Nos períodos impropriamente chamados da “redemocratização” (após o fim do Estado Novo de Vargas, de 1945-1964) e durante a inacabada construção democrática (do fim da ditadura civil-militar de 1964 até hoje), a combinação entre a “lógica liberal” e a “praxis democrática” persistiu com avanços e recuos. Basta lembrar que, inclusive durante a ditadura militar, preservaram-se as eleições restritas, o bipartidarismo tolerado e o Congresso aberto e controlado, o que não ocorreu nos outros regimes militares do Cone Sul.

Nesse sentido, o enigma a ser decifrado sobre o novo regime será o de penetrar na lógica de sua estruturação política, econômica e social e capturar sua natureza, nas contradições da ação dos atores institucionais – Executivo, Congresso e Poder Judiciário. Em outros termos, como será construída a nova hegemonia no governo? Mantendo ou rompendo a solidariedade interna, as relações com a economia, o mercado? E qual será o desgaste político a ser enfrentado diante da alta expectativa por resultados numa sociedade fracionada?

No Brasil, poucas pesquisas foram feitas sobre os partidos de direita. Raro livro foi publicado no qual os autores destacam alguns traços de agremiações conservadoras que permitem algumas comparações com as atuais. Entre elas, está a obra *Partidos*

Conservadores no Brasil Contemporâneo, de Raquel Meneguello: (a) sempre tiveram “um notável sucesso na manutenção do poder político”; (b) no período populista de Vargas e Goulart e durante os governos militares, declinaram fortemente sua força eleitoral; (c) tinham “identidade política”, mas eram “pouco definidos ideologicamente e pragmáticos nos governos.”; (d) “tendem a apoiar políticas econômicas neoliberais e são mais conservadores em questões como segurança pública, aborto e moral familiar”, este último traço muito presente hoje no discurso dos novos partidos radicais de direita.

“Sempre praticamos um ‘liberalismo-conservador’ e nunca até hoje um ‘liberalismo-democrático’”

Helgio Trindade

Embora no Brasil a hegemonia do liberalismo conservador tenha sido permanente, havia um bloqueio ideológico de as pessoas se autoidentificarem como de “direita”. Nas pesquisas de opinião, sempre preferiram o termo “centro” e, para se distinguirem das esquerdas, agregavam “centro-direita”. A novidade da conjuntura atual é que as pessoas se declaram abertamente de “direita”, perdendo o complexo de

assumirem este campo ideológico como no passado. Não parece haver dúvida de que estamos, em nosso país, diante da ascensão de uma direita radical, com uma base social importante política e eleitoralmente. Não cabe nos limites deste texto discutir as causas desse processo, mas o que é “novo” com relação à direita tradicional brasileira. Algumas orientações para buscar essa resposta se encontram na história europeia contemporânea, na qual há mais de três décadas a literatura especializada denominou adequadamente esses partidos e seus líderes como “populistas de extrema direita”, mas nunca os confundindo com o nazifascismo de Mussolini e de Hitler – como discuto no livro *A tentação fascista no Brasil*, de 2016.

Para afastar o uso abusivo do termo fascismo, transcrevo uma referência de recentíssimo artigo do sociólogo argentino *Atilio Boron – Bolsonaro y el fascismo* – publicado no jornal *Página 12*, de Buenos Aires, no dia dois de janeiro deste ano: o fascismo “es una forma excepcional del Estado capitalista, con características absolutamente únicas e irrepetibles”; e “es una ‘categoría histórica’ y que ya no podrá reproducirse porque las condiciones han desaparecido para siempre”. A posição de Boron coincide com a que tenho sustentado desde o meu primeiro livro sobre o tema – *Integralismo: o fascismo à brasileira dos anos trinta*, de 1974 e que teve a 3.ª edição em 2016.

*Professor-titular aposentado de Ciência Política e professor emérito da UFRGS. Atualmente, pesquisador sênior do CNPq e professor do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFRGS

Desafios da Ciência e Tecnologia

Nády Pesce da Silveira*

O ano de 2019 foi escolhido pela ONU como o Ano Internacional da Tabela Periódica dos Elementos Químicos – em alusão aos 150 anos do trabalho de Dmitri Mendeleev que culminou na tabela que utilizamos. Ela é considerada hoje um dos maiores avanços científicos, unindo Química, Física e Biologia. Desde o início da pesquisa em torno da descoberta dos elementos químicos, diferentes tabelas foram apresentadas, de tal forma que hoje a apresentação no “estilo Tabela Periódica dos Elementos Químicos” ganhou inúmeras áreas do conhecimento humano. É interessante consultarmos o *Chemogenesis – the Internet database of Periodic Tables*, pois nos remete a uma atualidade científica e tecnológica: a versatilidade da Ciência para expressarmos a criação de conhecimento, a resolução de problemas e nossa curiosidade em um mundo que muda a cada milionésimo de segundo de maneira quase organizada.

A ideia por trás do desenvolvimento científico é de que possamos usufruir de bem-estar, ao utilizarmos os inventos que cada vez mais adquirem “vida própria”. Ao discutirmos o futuro da Ciência e da Tecnologia, precisamos reconhecer o passado recente (o “antes”) e imaginar o futuro (o “depois”) da Ciência enquanto criação humana. A tarefa é gigantesca, porém alguns autores brasileiros já trabalham nas temáticas há muitas décadas. Os estudos do professor Glauco Arbix (USP) sintetizam bem esse espírito; em publicação recente, o autor comenta que, a partir do conhecimento que construímos, o universo natural tende a ganhar novos

contornos, animando a complexidade de nosso mundo e colocando a Ciência e a Tecnologia como um dos fundamentos de nossa civilização. Da mesma forma que coloca a Ciência e a Tecnologia como “emuladores de futuro”, o autor expressa sua apreensão com a forma de distribuição dos resultados científicos em uma sociedade complexa.

“... qual será a política pública necessária no próximo período para o fomento e o apoio ao desenvolvimento de Ciência e Tecnologia no Brasil?”

Nády Pesce da Silveira

O trabalho da colega da UFRGS Máira Baumgarten, em seu livro intitulado *Conhecimento e Sustentabilidade – Políticas de Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil Contemporâneo*, vem ao encontro do discutido por Arbix e discorre sobre a necessidade de um desenvolvimento científico emancipatório no Brasil. Seria possível trabalharmos apenas com a ideia de progresso da Ciência sem levarmos em conta as desigualdades sociais do Brasil? Podemos avançar para um desenvolvimento sustentável? É adequada a utilização de

políticas aplicadas nos países centrais? A maioria das questões levantadas na obra de Máira Baumgarten, que analisa as décadas de 80 e 90, permanece atual. É o caso de analisarmos a partir das seguintes indagações: como são conduzidas as políticas de Ciência e Tecnologia no Brasil; qual é o papel dos cientistas não apenas na formulação, mas também na aplicação das políticas; como se dá o processo decisório nas agência de fomento; quais os setores sociais envolvidos nas decisões; quais os objetivos/interesses do fazer científico no Brasil; que correlação há entre os interesses sociais e os interesses científicos; como está a regionalização do fazer científico; estaria a nossa Ciência respondendo aos desafios da inserção mundial do Brasil e em condições sustentáveis?

Máira ressalta que é preciso relembrar a existência de uma Comunidade Científica desde o início do século XX, relacionada ao discurso de “autonomia da Ciência”. Nessa visão não haveria interferência política e religiosa no fazer científico e tecnológico. A comunidade científica seria global. Em tais fatos reside uma das primeiras dificuldades da comunidade científica brasileira: pertencer à comunidade científica global e ao mesmo tempo operar com objetivos nacionais. Contraditoriamente, as comunidades científicas dedicadas a, por exemplo, erradicar doenças endêmicas, concentram-se hoje em dia em países que disponibilizam recursos financeiros à altura dos desafios científicos. A ideia da independência da ciência também é posta à prova quando se verifica a existência de cientistas que, ao relacionarem suas atividades científicas com a origem do saber científico (filosofia), passaram a pro-

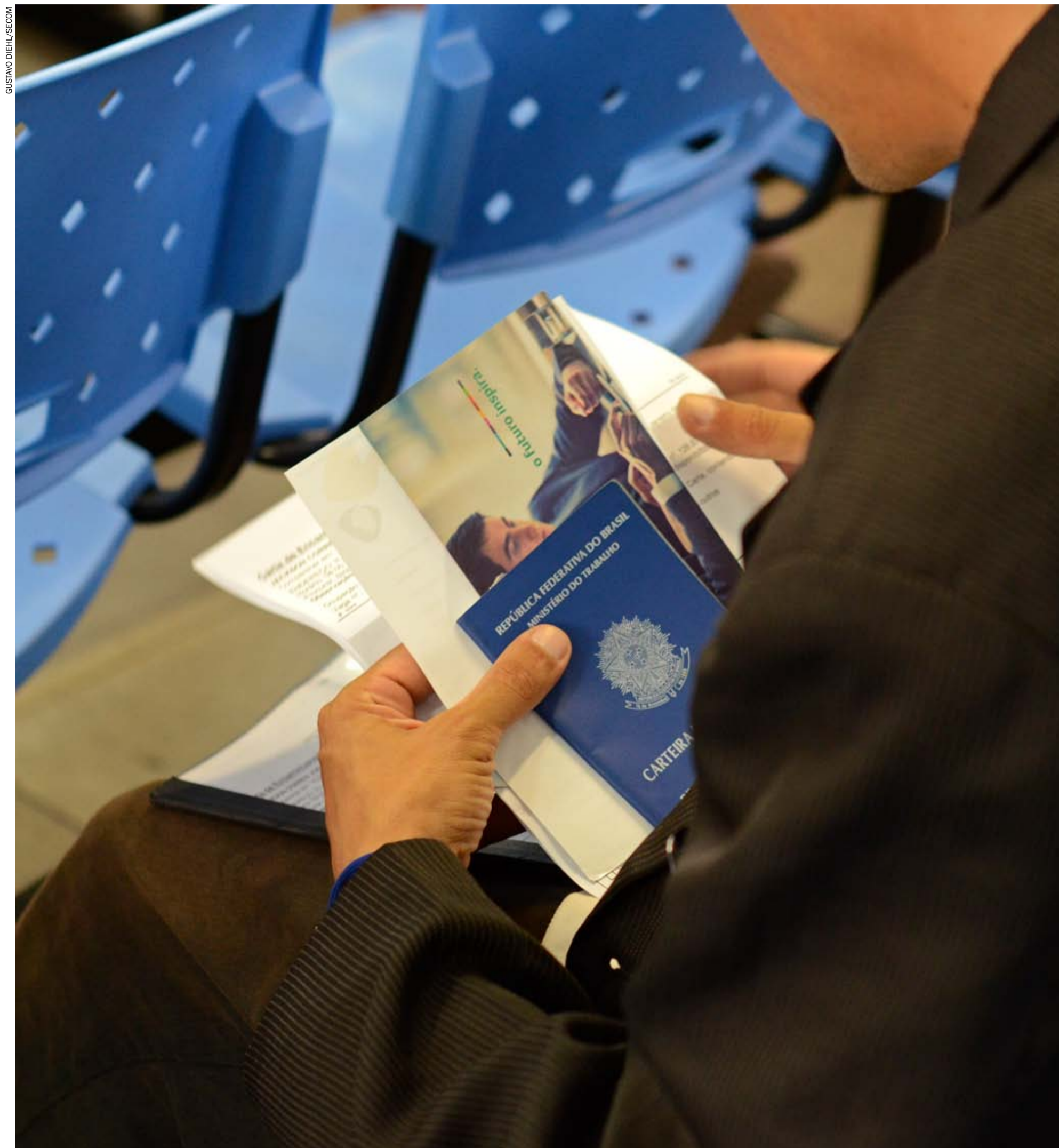
duzir obras em outras áreas. Pode-se citar como exemplo Otto Ohlweiler, professor do Instituto de Química da UFRGS que escreveu sobre epistemologia da Ciência e até mesmo sobre política.

Os mecanismos de organização da Ciência feita no Brasil devem ser reanalisados. Deve-se reconhecer que sempre houve uma intervenção estatal na organização da pesquisa científica que ainda vige. Portanto, qual será a política pública necessária no próximo período para o fomento e o apoio ao desenvolvimento de Ciência e Tecnologia no Brasil? Em meu ponto de vista, uma vez que temos mecanismos consolidados para a construção e apropriação de conhecimentos – a universidade –, precisamos ampliar a rede de apoio, compartilhar o saber acumulado e divulgar Ciência e Tecnologia. Enfrentamos uma multidimensionalidade de temas e resultados (big data), uma dificuldade na gestão compartilhada dos conhecimentos com a sociedade, um desafio quanto à origem do financiamento e a necessidade de um modelo de produção de conhecimento despersonalizado (precisamos repensar a atribuição das autorias – privilegiando a produção em grupo). Também necessitamos discutir a visão social do potencial do conhecimento acumulado com as esferas política e midiática. Definitivamente, precisamos reorganizar as várias facetas da produção do conhecimento para que a Ciência e Tecnologia produzidas no Brasil possam fazer parte do presente e do futuro de nosso povo.

*Diretora do Instituto de Química da UFRGS



THIAGO CRUZ/ARQUIVO SECOM - JUNHO 2014



Um novo mundo do trabalho

Emprego *A maioria dos profissionais desconhece a aplicação da tecnologia em suas carreiras*

Samantha Klein

Fardado com o uniforme do colégio, Felipe Nonato driblava, com a ginga de quem sabe que é goleador, todos os colegas até chegar ao gol. Debaixo das traves, o goleiro tinha consciência de que não teria muita chance de

fazer a defesa, mesmo sabendo que o atacante novamente chutaria com a canhoto. Era assim toda terça e quinta-feira, dias das aulas de educação física na escola municipal Décio Martins Costa, na zona Leste de Porto Alegre. Agora, aos vinte anos, deixou o futebol e a escola para trás e fuma

mais do que na adolescência por dois motivos: acompanhar a esposa, que também é fumante, e espantar o nervosismo, gerado pela falta de emprego e pela sensação de que deveria ter terminado os estudos. Mesmo que Felipe não tenha driblado os livros, talvez ainda não estivesse

preparado para o mercado laboral, pois o cenário mostra um futuro bem próximo da extinção de postos de trabalho.

Casado há dois meses, está desempregado há um ano e tem sido um dos postulantes a uma das cerca de 900 possibilidades oferecidas pelo Sine de Porto

Alegre a cada mês. Uma parcela significativa dessas vagas, no entanto, não vem sendo preenchida por falta de qualificação dos candidatos. Inserido nessa realidade, Felipe conta que já entregou 40 cópias do seu currículo nos últimos meses. Para não ficar completamente sem



dinheiro e ser capaz pagar as contas básicas enquanto não consegue um emprego estável, faz bicos eventuais na construção civil e continua morando na casa da mãe. A companheira também recorre à informalidade: trabalha sem carteira assinada em serviços de limpeza geral.

Histórias como a de Felipe e sua companheira são o retrato de um mercado de trabalho que, impulsionado pelo crescimento do trabalho informal, até apresentou uma leve melhora: o desemprego no Brasil recuou de 11,7% da população para 11,6%, segundo o levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em novembro de 2018. Atualmente, são 12,2 milhões de brasileiros na fila do desemprego.

Para driblar essa situação que não favorece uma empregabilidade mais estável, Felipe jura, aos vinte anos, que pretende voltar a estudar ainda em 2019, já que não seguiu os estudos depois de concluir o Ensino Fundamental. “Não gostava muito dos livros. Meu sonho era ser jogador de futebol e acho poderia ter sido”, conta. E projeta: “Agora, se puder escolher uma vaga de emprego,

quero de vendedor ou vigilante”. A realidade dele e de muitos outros brasileiros contraria as estimativas de curto prazo do governo e de entidades empresariais a respeito da recuperação da economia e do aumento da empregabilidade: as mudanças nas relações de trabalho trazem perspectivas de extinção de postos de emprego e lenta preparação da força de trabalho para um mercado em constante transformação.

Capacitação – Especialista em Robótica e professor da UFRGS, Edson Prestes faz um alerta para a necessidade de formação básica e continuada. “Se não houver uma ação para mudar esse quadro, seremos varridos pela tecnologia. Dados mostram que a robótica vai substituir muitos empregos formais, profissões serão simplesmente extintas e teremos um contingente cada vez maior de desempregados. É preciso fazer algo para melhor o ensino básico dos estudantes”, sustenta.

O problema começa na base da educação, onde existem imensas disparidades de condições entre escolas, conforme o docente. No Brasil, o aprendizado de

competências para setores de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática apresenta lacunas desde o ensino fundamental. O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) de 2015, realizado em 72 países com estudantes de 15 anos, mostra o país sul-americano em 63.º lugar no exame de Ciências e 65.º, em Matemática. As médias dos alunos brasileiros – 401 e 377, respectivamente – ficam bem abaixo de nações como Cingapura ou Canadá, ambas com notas acima de 500 nas duas disciplinas.

Também na fila do Sine, Débora Dias é mais uma brasileira que não pensa a respeito de novas tecnologias no ambiente de trabalho. A relação mais próxima que tem com a virtualização é com o Whatsapp, que utiliza diariamente para se comunicar com amigos e familiares, e com o Facebook, usado para se informar. Ela diz que se fosse cursar o Ensino Superior, optaria pela Faculdade de Direito, mas ressalta que prefere tentar fazer um curso técnico em enfermagem assim que finalizar o Ensino Médio através do EJA (Ensino para Jovens e Adultos). Pouco antes do último Natal, resolveu sair do trabalho de auxi-

liar de limpeza hospitalar porque o horário tornava o trajeto de retorno para casa mais perigoso. Conta que quase foi assaltada na parada de ônibus por mais de uma vez e agora procura nova colocação no mercado de trabalho. “Procuro agora uma vaga no comércio. Gosto de ter novas experiências e continuar aprendendo”, diz sobre perspectivas ainda pouco voltadas para setores que exigem mais especialização em tecnologia.

Professor da Escola de Administração da Universidade, Sidinei Rocha de Oliveira ressalta que o próprio modo de produção industrial e de prestação de serviços é atrasado tecnologicamente no Brasil. “Acredito que antes de um atraso digital, temos um atraso tecnológico muito grande porque nunca investimos em inovação. A gente tem raízes históricas com excedente de mão de obra pouco qualificada. Muitas vezes as empresas preferem contratar mais pessoas e não investir em tecnologia porque é mais fácil contratar dez pessoas que possam fazer uma tarefa braçalmente do que comprar uma máquina que possa fazer o mesmo trabalho de menor tempo.”

Historicamente, em termos econômicos, o país ainda é dependente de setores muito tradicionais. O Brasil é o terceiro maior exportador agrícola do mundo, segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), além de ser exportador de outras *commodities*, como petróleo e minério de ferro. Por outro lado, a indústria brasileira é atrasada em relação aos países desenvolvidos. Conforme o professor, o protecionismo industrial a determinados produtos implementado nos anos 1980 não colaborou para a expansão de tecnologias. “Isso não quer dizer que não exista desenvolvimento tecnológico, pois temos bolsões tecnológicos e o movimento das startups (empresas emergentes que têm por meta desenvolver negócios inovadores e escaláveis). Existem, no entanto, bolsões tecnológicos num mar de força de trabalho sem qualificação e de empresas que não investem nada em inovação e tecnologia. A pesquisa, por outro lado, está centrada nas universidades, e existe pouca interação com o mercado”, ressalta o professor Sidinei.

Preparação para a tecnologia

Teóricos da automação e das aplicações da inteligência artificial fazem apostas a respeito da extinção de diversos postos de trabalho. Alguns, segundo o professor Sidinei Rocha de Oliveira, são mais óbvios, tais como os empacotadores e caixas de supermercado, que já não existem há uma década em algumas das redes da Europa e Japão; cobradores de ônibus ou até profissões como advogados ou juizes, quando se trata de ações judiciais que podem ter pedidos e julgamentos semelhantes.

O pesquisador ressalta que muitas das funções somente não desaparecem no Brasil porque ainda vivemos em uma sociedade que gosta de ser servida. “Se um cidadão está passando suas compras pelo caixa do supermercado e não há o empacotador, é comum ver quem aguarda para que o caixa o faça. Além disso, o brasileiro gosta do serviço do frentista ou do manobrista. Esse gosto por ser servido é resultado de uma herança escravista”, avalia.

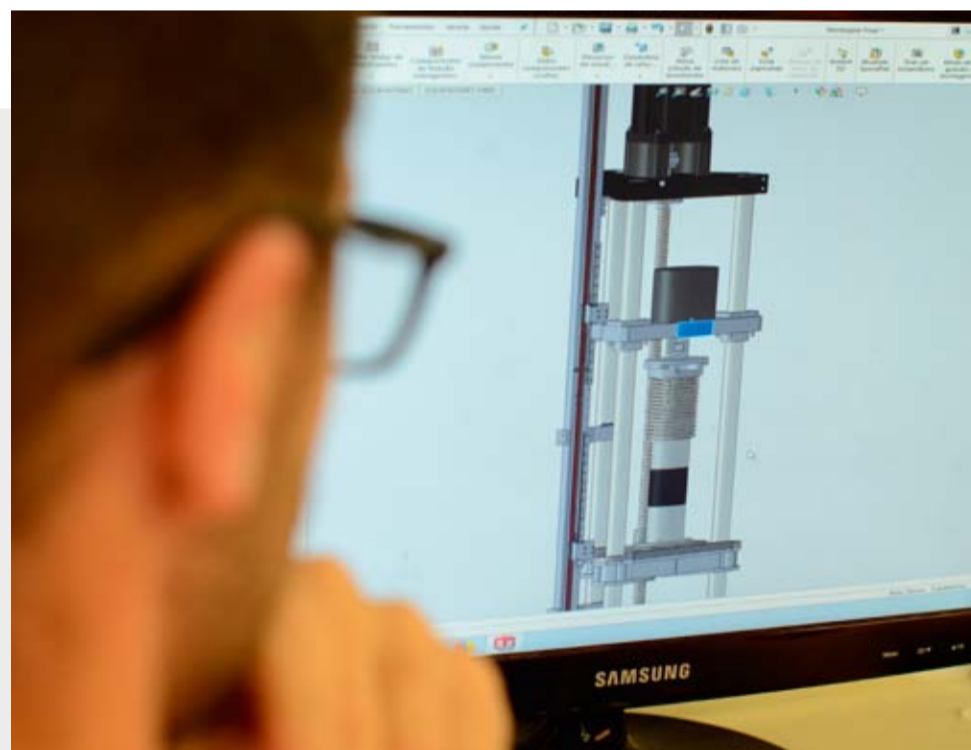
Diferentemente do que aconteceu com o sistema bancário, a substituição de algumas profissões ainda é relativamente lenta no Brasil, mas recente pesquisa do Fórum Econômico Mundial mostra que, em breve, milhares de empregos vão desaparecer. Até 2021, a projeção é de uma diminuição de cerca de sete milhões de postos de trabalho no país. Projeções mais pessimistas avaliam que 50% dos postos de trabalho podem ser automatizados no país. Segundo a consultoria McKinsey, serão 53 milhões de postos de trabalho passíveis de serem extintos por conta da automação.

Quando um conjunto de novas tecnologias tem ação capaz de transformar

não somente o modo de produção, mas também as relações sociais, a sociedade está diante de uma Revolução Tecnológica. Cada uma é caracterizada por tecnologias-chave e um novo arranjo no mercado de trabalho, no setor financeiro e nas legislações que as sustentam. As três primeiras foram as Revoluções Industriais, o Fordismo e as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). E agora vivemos a 4.ª Revolução, cujos efeitos são apenas estimados.

Esse processo é descrito pelo atual presidente executivo do Fórum Econômico Mundial, Klaus Schwab, em seu livro *A Quarta Revolução Industrial*: “Estamos a bordo de uma revolução tecnológica que transformará fundamentalmente a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Em sua escala, alcance e complexidade, a transformação será diferente de qualquer coisa que o ser humano tenha experimentado antes”. A persistência de funções mais simplificadas do processo produtivo não descarta o fato de que a incorporação de tecnologias esteja em curso no dia a dia. Exemplo disso é o *machine learning* ou aprendizado da máquina. As sugestões do YouTube e do Netflix, as propagandas e ofertas de produtos nas redes sociais, a detecção de fraudes bancárias e o funcionamento de veículos autônomos são exemplares de como as máquinas aprendem a realizar funções e substituem serviços que humanos fazem ou faziam.

Num sentido semelhante, o economista Jonattan Rodriguez Castelli ressalta em seu artigo *O Efeito Westworld no Mercado de Trabalho* que as relações sociais, econômicas e trabalhistas deverão ser completamente transformadas nos próximos



GUSTAVO DIEHL/SECOM

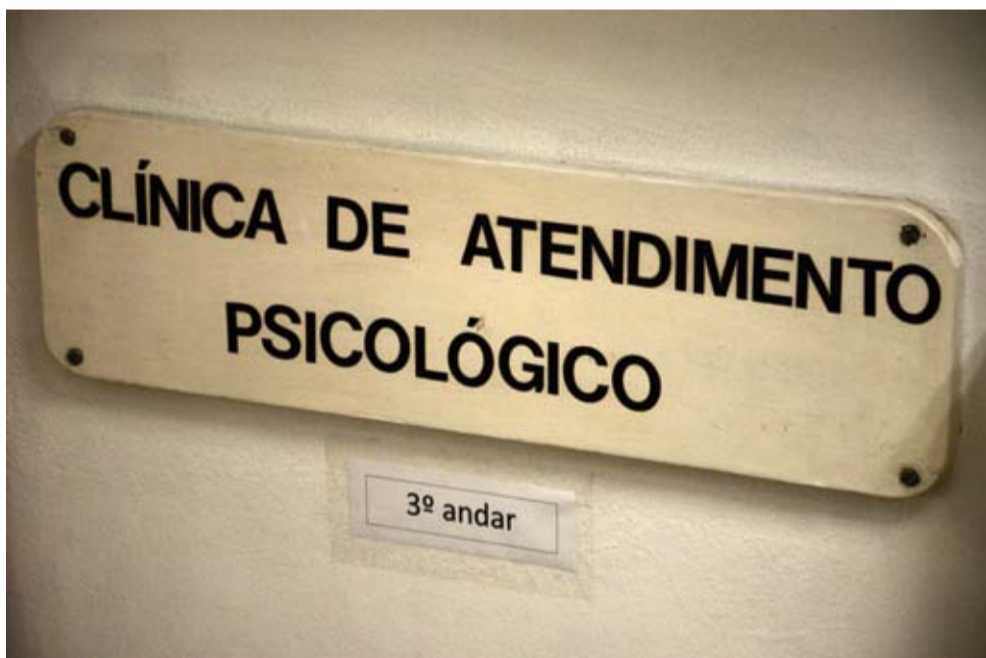
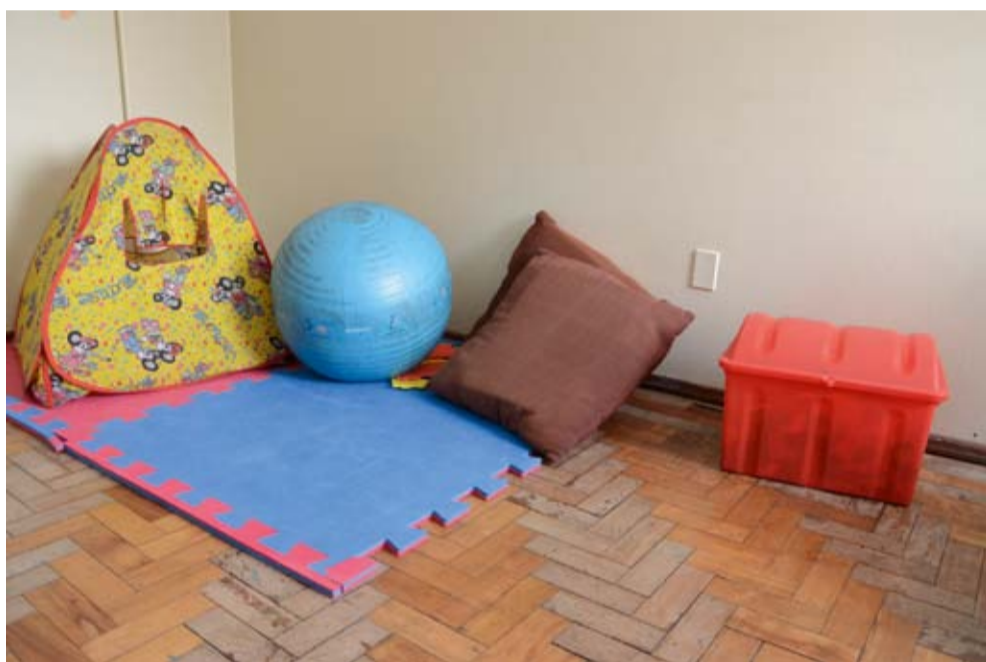
anos. “Estamos diante de um complexo sistema tecnológico que permitirá às máquinas terem maior autonomia produtiva, a partir do uso da inteligência artificial e da capacidade de aprendizado. Trata-se, portanto, de uma verdadeira revolução baseada na capacidade das máquinas evoluírem cognitivamente (simulação do processo do pensamento humano de forma computadorizada) e aprenderem novas funções. Sem dúvidas, as consequências da Quarta Revolução Tecnológica serão profundas e imprevisíveis, impactando tanto a produtividade no mercado de trabalho quanto as relações sociais.”

Nesse cenário de transformação do trabalho, também existem vantagens, como a redução do número de acidentes de trabalho quando se combinam sistemas ciberfísicos com inteligência artificial, virtualização de processos e internet das coisas. Além disso, novas ocupações poderão surgir e áreas ligadas ao bem-estar serão consolidadas, estima o professor Sidinei. “Sem querer ingressar muito no *Black Mirror* (sериado da Netflix sobre impactos da tecnologia), creio que possa sugerir a função de editor de DNA, por exemplo. Em outra frente, trabalhos individualizados de cuidados serão cada vez mais valorizados porque não dá para imaginar uma má-

quina dando aula de Pilates”, sustenta o pesquisador.

Ao analisar que os países em desenvolvimento estão atrás na capacitação da mão de obra, a professora Julice Salvagni, da Escola de Administração da UFRGS, questiona se a formação para a automação e inteligência artificial não deveria ser encampada pelas grandes empresas. “Primeiro me pergunto se é função da educação básica fazer a formação da criança como futuro trabalhador da iniciativa privada. Claro, ela tem que ser educada tecnologicamente, até porque essa é a linguagem, e a maioria das nossas relações se dá assim, mas não sei até que ponto é responsabilidade da escola. As empresas de alta tecnologia precisam investir e se preocupar com a formação de seus quadros”, salienta.

Com olhar sociológico, a pesquisadora lembra que o Brasil é um país de imensas disparidades sociais e econômicas. “Provoco essas frentes porque tais déficits de formação de trabalhadores são reflexos da enorme desigualdade social desde a invasão do país pelos colonizadores. Não se tem como pensar em modelo de formação educacional igualitário quando se tem segregação de classes sociais da magnitude do Brasil”, finaliza a docente.



A prática com

Psicologia

Serviços-escola oferecem espaços de prática aos alunos por meio de atendimento prestado à comunidade

“Aprendemos a nos abrir para o novo, pois todo encontro nos reserva algo e temos que estar dispostos a acolher ele.” É assim que a estudante do 9.º semestre de Psicologia na UFRGS Thais Espindola resume a experiência que tem na Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade. Há dois anos ela encontra lá a oportunidade de tornar concreto o investimento social que o ensino superior público representa no Brasil. Thais conta que aprendeu a estar atenta a cada paciente que passa pelo espaço.

A Clínica é o que se conhece como serviço-escola, isto é, um espaço vinculado a uma instituição de ensino no qual os alunos, sob supervisão de professores, colocam em prática a teoria que aprenderam ao longo do curso, oferecendo assim um atendimento à população. Juntamente com possibilidades como estágios curriculares, bolsas de aperfeiçoamento e projetos de extensão, esses espaços de prática profissional integram o conjunto de diversas maneiras pelas quais alunos de graduação e pós-graduação desenvolvem sua capacitação para além do estudo em sala de aula. O órgão vinculado à Faculdade de Psicologia une ensino, pesquisa, extensão e o atendimento à comunidade interna e externa extrapolando o seu próprio nome: atua de forma interdisciplinar, com aproximadamente 200 colaboradores da Psicologia, Fonoaudiologia, Serviço Social e Medicina, sendo cerca de 50 destes estagiários dos cursos de Psicologia e Fonoaudiologia.

Serviços ofertados – Para Thais, o ambiente multidisciplinar e a troca de conhecimento entre os membros da equipe foram fatores essenciais para que ela optasse pelo estágio na clínica. “Hoje me sinto muito capaz de desenvolver minha profissão, ao mesmo tempo sei que a formação é contínua, pois aprendo todo dia com cada paciente e cada pessoa com que tenho contato”, acrescenta. Desde 2011, a oferta desse atendimento passou a ser obrigatória para os cursos de graduação em Psicologia no país, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ministério da Educação, por meio do funcionamento de um serviço de atendimento à comunidade. Na UFRGS, porém, esse serviço já tem longa história: é prestado há quarenta anos no espaço que surgiu para atender apenas os alunos do Instituto de Psicologia (IP), como parte do Núcleo de Atendimento Psicológico ao Estudante. Dois anos após sua criação, em 1977, o espaço assumiu o formato que tem hoje: tornou-se um órgão auxiliar do Instituto e expandiu o atendimento para a comunidade, fazendo-se uma clínica-escola.

O trabalho na Clínica de Atendimento Psicológico é executado em duas etapas. O ingresso dos pacientes acontece por meio das entrevistas iniciais, que consistem em um ou mais encontros a fim de entender a demanda do atendimento. Posteriormente a essa etapa, a continuidade do tratamento é avaliada conforme as especificidades de cada caso, e o respectivo encaminhamento do paciente acontece de acordo com sua necessidade. Para alguns casos, essa demanda é resolvida durante o processo inicial das entrevistas, enquanto em outros pode ser indicado o tratamento na própria clínica ou, ainda, ser realizado o encaminhamento para outros locais de atendimento.

Confiança – Por indicação de sua prima, a pedagoga Elisa (nome fictício), de 52 anos, buscou o atendimento para tratar a depressão diagnosticada quando tinha 17 anos. Por falta de condições financeiras para arcar com um tratamento privado, Elisa procurou o atendimento inicialmente achando que era gratuito, mas decidiu seguir na clínica: o valor é mais favorável que o de uma consulta particular. Com uma média de 480 pacientes em tratamento continuado ao longo de cada ano, a Clínica consegue funcionar como uma alternativa ao SUS exatamente porque o valor de cada atendimento é decidido diretamente entre terapeuta e paciente, de uma forma que o pagamento seja possível dentro de cada realidade. Em um país como o Brasil, a ampliação desse atendimento é essencial, visto que, segundo a Organização Mundial de Saúde, é o país com maior número de diagnósticos de ansiedade no mundo e com o maior número de casos de depressão na América Latina.

Embora hoje não seja mais paciente da Clínica, Elisa conta que o atendimento trouxe apenas benefícios. No período do tratamento, ela conseguiu romper com um relacionamento que estava agravando sua depressão. “Meu terapeuta me questionava muito. Eu gosto quando o profissional questiona, instiga, nos faz falar. E ele me fazia falar, e era uma pessoa com quem eu tinha abertura para dizer o que eu quisesse. [A terapia] fez com que eu conseguisse ter forças para terminar o meu relacionamento, e isso significou muito para mim naquela época”, relata.

Para Daniel (nome fictício), de 22 anos, o custo do atendimento também foi um fator importante para a escolha de realizar o atendimento na Clínica. O estudante de Medicina ficou sabendo do serviço prestado pela Universidade após a indicação de alguns professores em sala de aula. Está lá desde agosto do ano passado. A decisão de buscar ajuda veio após Daniel se sentir ansioso e cansado pela faculdade e por outros problemas pessoais. Além do valor, foi decisiva a confiança nos profissionais que estão sendo formados pela Universidade. Assim como para Elisa, o atendimento foi essencial para o estudante, que conta ter uma vida mais saudável com a ajuda da terapia. “Eu estou resolvendo coisas desde a infância até a faculdade e as crises de jovens-adultos. Está sendo bom pra mim, eu estou conseguindo melhorar como pessoa”, conta. Ele, inclusive, define o atendimento como seu porto seguro: “Eu fico muito feliz. É um alívio saber que

no formação

eu vou ter essa consulta na semana. Eu sei que vai ter essa pessoa lá que vai poder me auxiliar e eu vou poder aliviar esse estresse”, complementa. A confiança depositada pelos pacientes na atuação dos estudantes é, para a graduanda Thais, surpreendente. “Senti que era mais do que uma experiência de formação, era também de trabalho e que foi reconhecido”, sintetiza.

Ricardo Giacomoni, que já é formado em Psicologia pela UFRGS, ainda durante a graduação também buscou a Clínica para sua primeira experiência prática de atendimento. Encontrou um ambiente de troca de conhecimento e saberes compartilhados. É por isso que atua lá até hoje, como extensionista, ao mesmo tempo em que atende em seu próprio consultório. Para o psicólogo, os espaços de supervisão e a análise conjunta dos casos são os fatores que o fazem manter o vínculo. “É um trabalho coletivo, então vai circular o que cada um tem como experiência desse momento. E isso não se dá só com aqueles que estão no mesmo estágio de sua formação”, diz. E completa: “A clínica é um espaço de diferentes momentos. Eu acho que esse elemento coletivo de poder fazer circular o que cada um recolhe e também o que devolve é muito importante”. Para ele, a prática no atendimento clínico não funciona como um processo único de aprendizado, mas de aprendizagem, que tem um impacto direto e indireto na comunidade atendida. “O sujeito que é escutado produz deslocamentos no seu discurso, por ser um sujeito político que, em certo sentido, circula pelo social. De alguma maneira isso também tem um efeito em relação àqueles com que ele convive”, analisa.

Atuação diferente – Apesar de ser o tipo de tratamento mais conhecido, o atendimento clínico não é a única opção para quem quer dar mais atenção à saúde mental. Segundo Cláudia Sampaio, psicóloga do Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Atenção à Saúde da UFRGS (CIPAS), profissionais da área estão pensando cada vez mais em ações preventivas e coletivas, de modo a promover o bem-estar e a qualidade de vida da população. “A gente pode ter o individual, mas não só ele. Nem todo mundo vai fazer terapia por dez anos. Algumas vão, mas outras vão se beneficiar de outras formas de cuidado, de promoção de saúde, de atividade física, de meditação”, aponta. Esse é um dos papéis desempenhado pelo CIPAS, outro serviço-escola do Instituto de Psicologia. Criado há seis anos, é constituído por 13 programas e projetos de curta e média duração, tendo como foco a saúde não só de estudantes da Universidade, mas do público em geral — principalmente o de baixa renda. Algumas dessas iniciativas já existiam, mas foi com a incorporação dos cursos de Serviço Social e Fonoaudiologia ao Instituto que surgiu a ideia de aproximá-las e promover trabalhos interdisciplinares.

Há três anos, a estudante Juliana Cardoso, 26, iniciou seu estágio no Centro de Avaliação Psicológica (CAP), um dos serviços mais procurados dentro do CIPAS. Natural de Canoas, recém-formada, ela conta que essa experiência proporcionou mais do que o seu desenvolvimento como psicóloga. “Os programas de extensão possibilitam

um trabalho direto com a comunidade. É muito gratificante, porque concretizamos a ideia de levar o conhecimento adquirido dentro da área científica para fora da academia, muitas vezes para um público que não encontraria esses serviços na rede de saúde pública”, sintetiza.

Assim como Juliana, a estudante Nayhara Bessa, de 28 anos, também procurava um espaço onde pudesse trabalhar aliando a teoria e a prática que aprendia em sala de aula. Aluna do oitavo semestre do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), há um ano ela trabalha com orientação profissional em estágio dentro do CIPAS, atuando tanto no Serviço de Orientação Profissional (SOP) quanto no Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE). Entusiasmada, ela conta que essa oportunidade mudou completamente sua carreira de vida. “Antes, eu me preocupava em me sentir preparada para fazer algo acontecer, e isso me dava a sensação de que nunca era suficientemente boa para começar. Logo, não praticava, não adquiria experiência. Hoje, me pergunto: o que posso fazer com o que tenho? Se não me sinto pronta para dar conta de algo sozinha, quem pode me ajudar? Aqui aprendi a me comunicar com mais assertividade, falar do que preciso e pedir ajuda”, relata.

Por ser um serviço-escola, a prioridade do CIPAS não é atender a um grande número de pacientes, mas sim congregar o atendimento ao público e a formação de profissionais. Cláudia Sampaio, servidora da UFRGS com atuação no NAE e no SOP, acredita que essa integração entre o acolhimento, o ensino e a pesquisa é vantajosa. “É uma retroalimentação. A gente gera perguntas de pesquisa a partir da prática, e o que se estuda retorna para o atendimento. Procuramos fazer um trabalho que atenda bem a população, mas que ao mesmo tempo sirva para a formação de qualidade dos nossos alunos”, afirma.

De modo geral, os projetos surgem a partir do interesse dos docentes, de acordo com seus respectivos temas de pesquisa. No entanto, frequentemente a própria rotina de trabalho revela novas necessidades. “Com o tempo, os programas vão gerando demandas próprias. O Centro de Avaliação Psicológica, por exemplo, começou a ver que tinha muita dificuldade com o manejo e a orientação dos pais das crianças atendidas. Em função disso, a gente abriu um outro estágio, de orientação a pais”, explica a psicóloga Denise Yates, uma das coordenadoras do CAP.

Nayhara relembra que, no início do estágio, sentia-se insegura quanto às técnicas que precisava aplicar ao atender alunos individualmente. “Mas pude contar com o apoio de profissionais muito competentes e humanos, que me ensinaram a qualificar minha escuta e me instruíram aos poucos a usar os conceitos teóricos de acordo com cada pessoa que atendia. Os estudantes universitários precisam de espaços seguros que lhes permitam treinar, errar e criar”, completa.

Isabel Linck Gomes e Natalia Henkin,
estudantes do 4.º e 7.º semestres
de Jornalismo da UFRGS





O desafio da escolha

Depois de se apaixonar por televisão ainda criança, Victor Sander busca uma vaga no curso de Jornalismo

Ensino Superior
Ao entrar na universidade, os estudantes precisam pesar diferentes aspectos entre a formação e a carreira

Bárbara Lima*
Felipe Ewald**

Depois de perambular por diferentes opções de curso – de Teatro a Relações Internacionais –,

Rodrigo Ferreira decidiu prestar vestibular para Relações Públicas. Aluno, no ano passado, do cursinho oferecido pelo Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC), o estudante conta que, por algum tempo, almejar uma vaga na UFRGS era uma realidade distante, mas, após conhecer pessoas que estudam na instituição, ele percebeu que ter o diploma na área pode abrir portas num segmento em que já vem atuando. Dúvidas como as de Rodrigo são compartilhadas por parte dos jovens assim que concluem o ensino médio e projetam o ingresso no ensino superior. Esse momento pode envolver uma diversidade de fatores pessoais. Não obstante, o que motiva essa escolha é uma razão imediata e instrumental, ligada a uma preparação mais

direta para exercer certa profissão; ou se, além dessa finalidade, há também espaço para idealizar uma formação que contemple aspectos éticos ligados ao exercício da profissão.

Professora da Faculdade de Educação da UFRGS (Faced), Simone Bicca Charczuk alude à formação como um processo de constituição do sujeito mais abrangente do que a profissionalização. “Na minha concepção, ela inclui uma dimensão ética que vai além da aprendizagem de ferramentas, recursos e estratégias de intervenção de uma profissão. Já a profissionalização, entendo-a como algo diretamente voltado a uma dimensão mais técnica. Não são processos excludentes, pois estão imbricados, podendo um se sobressair em determinados contextos e situações formativas”, pondera.

Diante dessas perspectivas complementares, é forçoso pensar como o ensino superior se apresenta para diferentes públicos, especialmente sob um recorte socioeconômico. Para Victor Sander, que comenta ter se apaixonado por televisão já aos 11 anos de idade e decidiu concorrer a uma vaga no curso de Jornalismo, a busca pelo ensino superior vem revestida tanto de uma motivação instrumental como de uma busca por prestígio e capital cultural. “É um meio de crescer na vida, uma forma de evoluir. Na minha família ninguém tem diploma de nível superior”, relata o estudante que também frequentou o PEAC no ano passado. Ao mesmo tempo, espera que a universidade possa ajudá-lo a ser um profissional competitivo. “Vejo que muitas pessoas não conseguem o que

querem no mercado. Nesse caso, apenas uma formação não basta; é necessário um direcionamento profissional”, emenda.

Ceticismo – No caso de Rodrigo, o percurso que o levou a tentar uma vaga em Relações Públicas ajuda a tecer a trama das motivações que influem na sua decisão. Em sua atuação como promotor de eventos em algumas agências, sente-se limitado, realizando tarefas simples. Ele almeja poder criar, resolver problemas, participar dos bastidores. “Eu quero me formar e abrir portas para novas possibilidades”, reforça.

O cientista social Henrique Costa alerta, no entanto, que isso pode resultar em uma armadilha. Ele revela que essa trajetória do jovem que já se encontra no mercado de trabalho



era comum entre os estudantes que participaram de sua pesquisa de mestrado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo – um estudo com bolsistas do Programa Universidade para Todos (Prouni) no estado de São Paulo. O que ele constatou entre esse público foi um ceticismo em relação ao ensino superior, como um esforço que não traz retornos para suas vidas. “O problema é que, na maioria das vezes, esses jovens já fazem o curso trabalhando, mas o diploma não garante sua permanência no emprego, muito menos garante que consigam subir na carreira. É muito difícil atualmente, só com a formação universitária, principalmente se realizada em universidades privadas de baixa qualidade – caso dos prounistas –, almejar algo muito além de um cargo mediano. O investimento de tempo sem um retorno é muito frustrante”, pontua.

“...ter um diploma não basta; o aprendizado só faz sentido se compartilhado com a população que realmente precisa.”

Josana Gomes

Henrique acrescenta que, entre os jovens que acompanhou, a expectativa em relação às universidades públicas é muito baixa, mesmo com a política de ações afirmativas. “Muitos já não veem vantagem, porque precisam ficar dois anos ou mais tentando entrar”, afirma. Segundo ele, o jovem de periferia tem que fazer um cálculo muito elaborado para avaliar se vale a pena passar um ano fazendo um cursinho. “Conversei com muitos que diziam que não precisavam fazer a universidade, pois aprendiam tudo o que necessitavam pela internet; então, o diploma se torna um obstáculo, não algo que almejassem ou considerassem como fator que alavancaria sua condição de vida. Muitas vezes a universidade é algo até doloroso, já que trabalham e estudam ao mesmo tempo – é uma rotina cansativa.”

A professora Simone Bicca Charczuk, psicóloga e doutora em Educação pela FAGED, pondera que a falta de reconhecimento e a não garantia de retorno financeiro de algumas profissões são elementos que contribuem para produzir a desilusão para com o ensino superior. “Formar-se não se esgota na colocação no mercado de trabalho, porém, como a nossa organização social demanda que tal colocação (no

mercado formal ou informal) seja a garantia da subsistência, o engajamento em processos formativos pode ser colocado em segundo plano.”

Ela entende que, num recorte socioeconômico, a maior oportunidade de fazer investimentos na formação pessoal está ao alcance de alunos das classes mais favorecidas economicamente; a necessidade de ganho financeiro no geral mobiliza o jovem de classes populares a se envolver em processos mais pragmáticos de profissionalização. “Infelizmente, alguns estudantes possuem urgências econômicas que exigem engajamento em cursos mais rápidos e instrumentais, com a expectativa de construir recursos que garantam um emprego.” A docente frisa, porém, que isso não significa que a situação econômica seja uma barreira definitiva.

A formação como garantidora de uma dimensão ética, complementar ao caráter mais técnico da profissionalização, pode ser encontrada no relato da caloura da graduação em Políticas Públicas Josana Gomes, para quem a universidade, mais do que o lugar em que é possível conquistar uma carreira, é onde se podem adquirir conhecimentos para mudar a realidade do local em que se vive. “Me interessei pelo curso porque na periferia as coisas são mais difíceis de conseguir, e essas dificuldades nunca são combatidas. A gestão pública é precária. Acho que, quando uma pessoa que sofre essa realidade chega a um lugar como a universidade, ela pode ser ouvida e pode trazer melhorias”, afirma. A estudante acredita que ter um diploma não basta; o aprendizado só faz sentido se compartilhado com a população que realmente precisa.

Perspectivas – Se, por um lado, muitos jovens fazem um cálculo elaborado para avaliar a viabilidade de frequentar o ensino superior como forma de melhorar sua colocação profissional, há também estudantes que chegam ao final da graduação e não conseguem vislumbrar o futuro. Mestranda em Psicologia, Adriana Malheiros Sacramento explica que, para conceber um planejamento de carreira, o estudante precisa realizar uma busca por autoconhecimento e por informações sobre a sua área de formação, a profissão e o mercado de trabalho.

“Os estudantes podem começar por uma reflexão sobre o que procuram realizar com o seu trabalho, quais as suas prioridades, os seus valores e os seus interesses profissionais”, propõe. Se parecer difícil identificar com o que gostariam de trabalhar no futuro, um modo de começarem, sugere Adriana, é pensar nas experiências vividas ao longo da formação, observando o que despertava maior interesse. Após compreenderem o que desejam, devem traçar seus objetivos e estabelecer o que é necessário para alcançá-los, para, assim, se prepararem adequadamente.

“Todo este preparo”, adverte a psicóloga, “deveria idealmente estar presente em toda a formação para que o aluno aproveite o tempo na universidade para explorar diversas experiências, como estágios, atividades de extensão e iniciação científica, cursos e eventos.”

Esse foi o percurso realizado por Tallis Fernando Mendes, que se formou recentemente no Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia (BICT) – ofertado no Câmpus Litoral Norte – e ingressou no mestrado em Ciência de Materiais. “A partir da bolsa de monitoria presencial de uma disciplina, comecei a gostar de estar em frente ao quadro ensinando e explicando o conteúdo aos colegas. Depois, comecei a dar aulas particulares em casa para conseguir dinheiro e percebi que era isso mesmo o que eu queria. O curso me ajudou na decisão de seguir a carreira acadêmica. Ao concluir o BICT, aproveitei a oportunidade de realizar a prova para o mestrado e, assim, dar início a minha carreira acadêmica.

Espero seguir para o doutorado e, um dia quem sabe, me tornar professor da UFRGS”, revela.

Já Kalil Hakihito Schu, também formado no BICT, segue examinando suas alternativas de carreira. “Confesso que meu futuro no mercado de trabalho ainda é meio misterioso para mim”, revela. Isso se deve, em parte, ao fato de que, entre as opções disponibilizadas aos egressos do BICT, ele optou por se especializar na área de Desenvolvimento Regional, curso que está sendo ofertado pela primeira vez no Brasil em nível de graduação e recentemente recebeu o reconhecimento do Conselho Regional de Administração. “Sei que o futuro é promissor”, garante o estudante.

A mestranda Adriana Malheiros Sacramento, enfatiza que é importante ter um planejamento de carreira para fazer a transição para mercado de trabalho. Outro ponto importante é estabelecer uma rede de contato com profissionais que se apoiem mutuamente, fazendo inclusive indicações para vagas de emprego.

“A maioria das oportunidades surge por meio das redes de contato, e não de anúncios. Além disso, é importante entender que a colocação do profissional de nível superior no mercado de trabalho pode demorar alguns anos. Tal situação não deveria ser vista como um fracasso, e, sim, como um percurso comum na trajetória de muitos profissionais que conquistam o seu espaço.”

No entanto, não se pode ignorar, retornando à argumentação do cientista social Henrique Costa, que muitos jovens não podem se dar ao luxo de esperar esse tempo; tampouco têm acesso facilitado a uma rede de relacionamentos com pessoas em posições influentes. “A forma como o sistema educacional, o mercado de trabalho e a ideologia contemporânea estão estabelecidos, tudo dificulta para que a vontade de atingir um ponto maior na carreira se concretize”, esclarece.

* Estudante do 7.º semestre de Jornalismo da UFRGS
**Repórter

Uma graduação peculiar

Kalil Hakihito Schu diz que escolheu cursar o Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia (BICT) por acaso: não conhecia sua proposta e optou por ele porque era ofertado no Câmpus Litoral Norte, região em que mora. “Hoje fico muito feliz pelo acaso, pois é um ótimo curso, com uma dinâmica interdisciplinar que forma um profissional muito versátil e permite contato com muitas áreas do conhecimento. No BICT, os engenheiros têm aula de filosofia, e a galera das humanas assiste a aulas de matemática, o que dá um novo formato e perspectiva de mundo para esse profissional; é genial!”, exalta. Agora que está formado, vai seguir para o Desenvolvimento Regional, uma das quatro terminalidades – curso que é uma espécie de continuação do bacharelado, enfocando área específica e que garante um segundo diploma aos egressos do BICT – disponíveis para quem conclui o primeiro ciclo. As outras são Licenciatura em Geografia, Engenharia de Gestão de Energia e Engenharia de Serviços.

Diferentemente de Kalil, Luiza de Souza Ferreira, que ingressou no bacharelado no ano passado, diz que conhecia a proposta e já entrou com a intenção de se formar em Engenharia de Serviços. “O curso vem me surpreendendo de uma forma positiva, o que abre caminhos e acaba modificando a visão profissional que imaginamos ao entrar na graduação”, revela.

Para muitos alunos do BICT, a existência do câmpus em Tramandaí foi decisiva para o ingresso na Universidade

Uma das responsáveis pela construção do projeto pedagógico do BICT, a professora Liane Ludwig Loder, atualmente diretora-geral do câmpus, comenta que a vantagem dessa graduação é que o aluno entra sem a necessidade de ter uma definição exata do curso que deseja fazer, dispondo de tempo para identificar como irá se desenvolver. Além disso, por ser de curta duração – pode ser concluído em três anos –, o jovem tem como se colocar rapidamente no mercado de trabalho. A maior parte dos egressos, no entanto, opta por seguir uma das terminalidades, principalmente na área de Engenharia. “Uma vez que o estudante se define por uma linha de formação, num período em que faria qualquer outro curso da Universidade (por volta de cinco anos), ele tem a possibilidade de ter dois diplomas”, pontua.

Apesar dessas vantagens, o BICT ainda tem uma procura muito baixa e enfrenta dificuldades para preencher todas as suas 180 vagas anuais. Liane comenta que, nas atividades de divulgação do curso em escolas da região,

tem observado uma alta evasão do ensino médio e muitos jovens que buscam diretamente o mercado de trabalho, pois consideram que a universidade não está em seu horizonte de possibilidades. Ainda que, faz questão de registrar, haja uma diversidade muito grande de situações.

Entre as pioneiras na criação de bacharelados interdisciplinares no Brasil estão a Universidade Federal da Bahia e a Universidade Federal do ABC, no estado de São Paulo. Nesta, fundada em 2005, a modalidade de graduação é a única opção de ingresso. Segundo a Assessoria de Comunicação da instituição, já existe um conhecimento maior dos cursos na sociedade, o que faz com que não tenham problemas para preencher as vagas. Ainda assim, a universidade mantém a divulgação dos bacharelados, especialmente aos vestibulandos. Entre as ações realizadas está o projeto UFABC nas Escolas, que atende alunos do ensino médio – cerca de quatro mil por ano –, oferecendo palestras nas escolas e colégios da região ou visitas monitoradas nos câmpus da Universidade.



RAMON MOSER/ARQUIVO SECONA



Assédio na era digital

Relacionamentos *Fazer ameaças com ou vazar fotos íntimas sem consentimento é cibercrime e pode trazer graves transtornos psicológicos às vítimas*

Andreia (nome fictício), estudante de Direito, decidiu encerrar seu relacionamento com Victor após descobrir que era traída. Ele não aceitou o fim do namoro e passou a ameaçá-la, dizendo que iria postar fotos íntimas em redes sociais. A estudante não imaginava que ele seria capaz disso. “Eu não costumava mandar tantas fotos, mas nunca imaginei que o Victor poderia me chantagear. Quando você namora, confia na pessoa”, pondera.

A sextorsão, quando alguém ameaça divulgar “nudes” – nome popular para fotos eróticas pessoais enviadas pela internet –, afeta principalmente mulheres. Segundo dados apresentados pelo Safernet Brasil, associação civil de promoção e defesa dos Direitos Humanos na internet, 289 brasileiros denunciaram exposição íntima em 2017; destes, 204 eram do sexo feminino. No Rio Grande do Sul, o projeto Vazou, do Grupo de Estudos em Criminologias Contemporâneas (GECC), realizou uma pesquisa de caráter qualitativo sobre o assunto durante o ano de 2018. Leandro França, coordenador da iniciativa, afirma que os relatos coletados indicam ser possível encarar o crime como mais uma das faces do machismo. “A diferença é que a internet possibilita grande repercussão, mas o ato de intimidar, principalmente mulheres, com fotos do corpo, além de ser algo antigo, é consequência de uma sociedade que ainda objetifica e hipersexualiza os seus corpos”, opina. A pesquisa aponta que o principal motivo para o ato é realmente o “pornô de revanche” – o que quase aconteceu com Andreia –, que decorre do término do relacionamento. O segundo motivo é o fato de alguns homens conceberem o corpo feminino como um troféu que precisa ser mostrado aos amigos.

Andreia sabia o que fazer caso as ameaças se tornassem reais. Após algumas ligações de Victor, ela começou a gravar as conversas. “Falei para ele que estava gravando e que, se continuasse com a chantagem ou divulgasse fotos minhas em algum lugar, ia na delegacia da mulher.” Apesar disso, no caso de ele expor as fotos em seu próprio celular ou em grupos de mensagens particulares, não haveria mecanismos legais que ela pudesse acionar: “Se ele postasse, eu poderia entrar com ação para que as fotos fossem excluídas; agora, se elas ficarem apenas em seu computador, tenho que contar com o bom senso e o caráter dele”, desabafa.



GUSTAVO DIEHL/ASECOM

Saúde Mental – Só a possibilidade de que Victor pudesse compartilhar suas fotos deixava a estudante nervosa. “Fico pensando na humilhação; isso poderia acabar com a minha carreira. As mulheres são mais suscetíveis a represálias por imagens desse tipo”, afirma. Para a psicóloga Fabiane Schultz, o compartilhamento não consentido de fotos íntimas, que são da esfera privada, pode trazer grande sofrimento psíquico para as vítimas, causar vergonha e desencadear doenças como depressão, ansiedade e ideação suicida. “Se isso acontecer com você, busque auxílio profissional. Desligue-se um pouco

das redes sociais. Se acontecer com alguém que você conhece, ofereça apoio”, recomenda. Ela ainda ressalta que os psicólogos e profissionais da saúde mental precisam estar preparados para lidar sem julgamentos com os relatos dos pacientes. “O profissional deve ser respeitoso, deve adotar uma postura de não julgamento e exercer a empatia. É importante acolher a magnitude do sofrimento e validar as emoções”, ressalta.

O ato de enviar fotos para o companheiro não deve ser condenado, uma vez que se constitui uma prática sexual como qualquer outra, que deve ser discutida e naturalizada. “Te-

mos que instruir os adolescentes, afinal eles são as grandes vítimas e também os grandes agressores, porque essa prática vai acontecer, as pessoas achando certo ou não. Então, temos que trabalhar na compreensão desse processo e na educação, fazendo com que principalmente os caras entendam que é preciso consentimento e que, mesmo com ele, se o relacionamento acaba, qualquer tipo de autorização anterior também se extingue”, reforça Leandro.

Legislação – De acordo com a professora da Faculdade de Direito da UFRGS Lisane Feiten Ody, além dos tipos criminais

já previstos no Código Penal, também a Lei n.º 12.737/12, conhecida como Lei Carolina Dieckmann, dispõe sobre a tipificação criminal dos delitos informáticos. Além disso, a Lei n.º 12.965/14, que estabeleceu o Marco Civil da Internet, dispõe sobre princípios, direitos, deveres e garantias dos usuários. A efetividade da legislação, no entanto, é complexa. “A punição não é expressiva. A pena prevista para o crime de invasão de dispositivo informático (Artigo 154-A do Código Penal), por exemplo, se resume a detenção de três meses a um ano e multa”.

Para situações como a de Andreia, o Safernet Brasil disponibiliza em seu site um guia para auxiliar as vítimas. O primeiro passo, se as imagens vazarem, é justamente registrar as ameaças (links, conversas, prints, etc.); depois, opcionalmente, a vítima pode registrar o material em um tabelionato de nota para que o conteúdo seja atestado como verídico. Em seguida, deve-se comparecer à delegacia (preferencialmente da mulher, ou uma especializada em crimes cibernéticos). Outra medida é denunciar a postagem para as empresas que hospedam o conteúdo (Facebook, Twitter, Instagram, etc.); pelo Marco Civil da Internet, elas são obrigadas a excluir os conteúdos denunciados. Por fim, é possível solicitar a remoção dos resultados dos sistemas de busca, como o Google – isso não significa que a imagem será removida de fato, mas não aparecerá mais relacionada ao nome da vítima nos resultados das buscas.

As redes sociais podem ser aliadas para o enfrentamento de crimes como a sextorsão. “Hoje, conteúdos como apologia ao nazismo, por exemplo, podem ser rapidamente excluídos com denúncias. Por que o mesmo não acontece em caso de vazamento de fotos íntimas?”, questiona Leandro. Andreia felizmente alega ter resolvido a situação sem precisar tomar medidas mais drásticas e sentiu-se aliviada, mas alerta: “Conheço casos em que meninas que foram expostas tentaram suicídio. Não é brincadeira. O que você faz na internet pode ter efeito nefasto. Ainda precisamos cuidar muito quem são as pessoas com quem nos relacionamos, porque a culpa sempre recai sobre nós”.

Bárbara Lima,
estudante do 7.º semestre
de Jornalismo da UFRGS

Para além do expediente

Comportamento *Histórias de projetos pessoais de profissionais que fazem a Universidade*

FOTOS: ARQUIVOS PESSOAIS



A profissão, de modo geral, é marca identitária importante, mas esse costume de jogar luz sobre o que uma pessoa “faz da vida” deixa apagada uma parte importante da individualidade: os desejos pessoais, as atividades e interesses que existem para além do campo das obrigações profissionais. Num universo que abriga uma gama tão ampla de pessoas como a UFRGS, é natural que existam perfis tão diversos que chegam a ser antagônicos entre si. São pontos de vista, histórias e identidades que às vezes ficam encobertos sob títulos, uniformes ou funções no espaço de trabalho e que se sobressaem quando se encerra o expediente.

Devoção – Para ter energia depois da jornada de trabalho, é preciso motivação e entrega, como no caso de Paulo Roberto Oliveira. Aficionado por carnaval, concilia a função de técnico terceirizado na sonorização e iluminação dos eventos do Salão de Atos da UFRGS com os desfiles das escolas de samba. Desde 1986, sai como mestre-sala sob a alcunha de Tadeu Pé de Vento e explica que o que se vê na avenida é apenas “a ponta do iceberg”, a concretização de uma preparação que dura meses e que os foliões conciliam com outras atividades, inclusive remanejando turnos de trabalho para poder comparecer a ensaios e apresentações. “Quando alguém vê no desfile uma madrinha de bateria acha lindo, mas não sabe que ela trabalhou oito ou doze horas no plantão de um hospital. Acha tudo maravilhoso, mas não é tão simples assim: tem que estar preparado, aquecido, entrosado. Quando fui profissional de som no carnaval e sai pela minha escola, minha diretora me liberava antes do desfile para me preparar”, aponta.

Uma dura rotina de preparação também foi o cenário enfrentado por Jorge Visintainer para poder levar a vida “entre as academias”: apaixonado por musculação desde jovem, aos 26 anos iniciou a carreira acadêmica e atualmente é docente do Departamento de Filosofia da UFRGS. Hoje com 65 anos, segue revezando halteres e livros, mas já não compete em eventos de fisiculturismo, como na década de 1990. “Ao invés de atrapalhar a atividade intelectual, o treino garante um aumento na

capacidade de raciocínio. Há hipóteses de que a testosterona tenha esse componente ligado ao intelecto, não só à força física. Não foram coisas opostas que tive que conciliar; andaram juntas. Mas competir é duro, exige demais da pessoa, envolve dietas, uso de substâncias. Quando a gente fica cansado demais, não consegue fazer um exercício intelectual. No início do treino, sim, o teu desempenho intelectual até aumenta, mas depois de doze semanas de dieta fica muito complicado, tem que comer muita fibra mas pouco carboidrato, que é o combustível do cérebro.” Jorge aponta que em certo momento foi necessário escolher entre se profissionalizar ou manter as duas atividades: “Sempre competi como amador, porque para se profissionalizar é preciso sair do país e se dedicar exclusivamente, então parar com as competições foi algo natural”.

Motivação – Geralmente é na infância que se constroem as paixões que nos acompanham por toda vida, e muitas vezes se trata de uma herança familiar. Janice Rodrigues Correa teve contato com atividades de tear desde a infância influenciada pela mãe e pela avó. A auxiliar em administração da Pró-reitoria de Gestão de Pessoas (Progesp), não só continuou a tradição de família, mas lhe deu um novo significado, o de reutilização de recursos. Janice utiliza retalhos de tecidos que seriam descartados para confecção de roupas, tapetes e cobertas.

A servidora, que tentou anteriormente viver de artesanato – e hoje mantém a prática como uma forma de viver fora do padrão consumista –, alia a atividade com o cultivo de plantas para poder sentir que contribui para a noção de sustentabilidade na sociedade e até mesmo na própria Universidade. “Acho que a visão sobre a importância da sustentabilidade está aumentando, mas depende muito do meio em que se está. Mesmo na UFRGS, por exemplo, no meu convívio, muita gente ainda está desligada até para a questão de separar lixo. Já ouvi dizerem: ‘de que adianta separar aqui se lá fora misturam tudo’”, lamenta. Janice também cuida de seu sítio em Maquiné e pretende um dia expor seu trabalho com artesanato para passar adiante o que aprendeu. “É tudo tão natural

para mim. A motivação é ver no que podem se transformar os retalhos. A beleza de ver algo que seria jogado fora ser útil e novo.”

Trajetórias – Se a tradição familiar de Janice foi passada como conhecimento e hábito, no caso de Paulo Roberto há um elemento concreto que simboliza a herança cultural de uma família apaixonada pelo carnaval. Filho de um dos fundadores da Imperadores do Samba, nasceu no mesmo ano em que a instituição foi criada, o que considera como se fosse um presente paterno. A ligação com a escola, porém, não muda o seu profissionalismo na hora de encarnar o mestre-sala Tadeu Pé de Vento, que já foi para a avenida representando várias agremiações. “A primeira escola em que desfilei, na cidade de General Câmara, foi a Rei da Folia. Em Porto Alegre, sou Imperadores, mas hoje em dia tem que ser profissional. Se a escola me convida e diz que não vai pagar, eu não aceito. Quando a gente leva o carnaval a sério, tudo é sério”, sintetiza.

Quando a influência não se dá por conta da família, ainda assim é oriunda de uma simbologia forte. No caso do professor Jorge, que recebeu a alcunha de “halterofilósofo” entre alguns alunos, a influência vem dos quadrinhos, de figuras que o inspiravam na infância, como Batman, Superman e Hércules. São personagens que têm grandes virtudes morais e inteligência, mas que se destacam dos homens comuns pelo físico. Tal mentalidade foi reforçada pelo estudo de filosofia e cultura da Grécia antiga. “Vejo muito claramente a vinculação da cultura de quadrinhos com a mentalidade grega do herói estetizado, não apenas ético, mas ético-estético – a arte grega não expressa o heroico através do homem comum.” O valor estético, essencial para o desenvolvimento do fisiculturismo, fica aliado à satisfação causada pelo exercício físico e pelo bem-estar. “Enquanto eu puder me manter treinando, vou em frente. As vantagens que me dá essa atividade, que me toma uma hora por dia, são enormes”, conclui.

Emerson Trindade Acosta,
estudante do 8.º semestre
de Jornalismo da UFRGS

De cima para baixo: Paulo Roberto Oliveira, mestre-sala e técnico no Salão de Atos, Janice Rodrigues Correa, artesã e auxiliar de administração da Progesp, e Jorge Visintainer, halterofilista e docente do departamento de Filosofia



O grito que ainda ecoa

Livro-reportagem *Jornalista gaúcho relembra as manifestações de 2013 e evidencia um processo que não se iniciou nem se encerrou em junho daquele ano*

Quinta-feira, 20 de junho de 2013. Mais de um milhão de pessoas preenchia as ruas de centenas de cidades em todos os estados do país. As causas que pautavam os gritos e cartazes das mobilizações eram diversas: saúde, educação, transporte, combate à corrupção. A data foi o ápice de um movimento que ficou conhecido como as Jornadas de Junho, que marcaram 2013 como o ano em que muitas lutas populares se desenvolveram nas ruas, de uma maneira que não se via há mais de duas décadas, quando das mobilizações pelo impeachment do ex-presidente Fernando Collor.

Esse movimento, na verdade, teve como berço a capital gaúcha e nasceu pela aliança de diversos setores da esquerda em defesa do transporte público gratuito como parte do direito à cidade. Não foi espontâneo, pelo contrário: foi

resultado de um processo que se desenrolava em Porto Alegre há mais de um ano, iniciado com a reivindicação pelo direito de utilizar os espaços públicos da cidade e contra a sua apropriação pela iniciativa privada.

É o que conta o jornalista Alexandre Haubrich no livro *Nada Será Como Antes - 2013, o ano que não acabou, na cidade onde tudo começou*, lançado pela editora Libretos. Alexandre, que esteve presente nas mobilizações como jornalista e manifestante, reconstrói em 216 páginas os acontecimentos da época em Porto Alegre, indo do episódio da queda do Tatu em 2012 — manifestação que resultou na queda do boneco símbolo da Copa do Mundo — às manifestações na Copa em 2014, esclarecendo que os protestos fizeram parte de um processo muito mais complexo

do que apenas os movimentos de junho.

Em formato de reportagem, a obra narra os acontecimentos em ordem cronológica, contextualizados e descritos de forma detalhada, conforme o resgate da memória do autor e os depoimentos de cinco entrevistados que, de diferentes formas, estiveram envolvidos nas mobilizações da época. A narrativa conta como, dia a dia, as manifestações foram tomando corpo e se tornando mais complexas, ganhando novas reivindicações e fazendo com que a direita e a esquerda ocupassem as ruas.

Para Alexandre, as alterações provocadas pela mobilização abrangem mudanças tanto institucionais como sociais. “2013 mudou o ambiente social para o bem e para o mal. A direita foi às ruas e aprendeu a usá-las como

um espaço de luta. Por outro lado, o Brasil, definitivamente, entrou na era dos novos movimentos, que aproximam a ação num território com a ação nas redes sociais e que são mais horizontalizados”, comenta o jornalista.

O livro é uma leitura essencial para entendermos que 2013 não pode ser reduzido a junho, e que as jornadas não podem ser reduzidas a um acontecimento

promovido apenas pela esquerda ou pela direita. Ele resgata a lembrança de um momento complexo que, mesmo ainda carregando algumas incógnitas, segue se desdobrando e mostrando suas caras no presente.

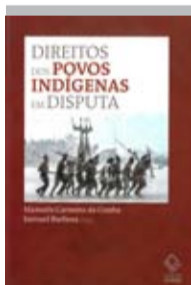
Isabel Linck Gomes,
estudantes do 4.º semestre
de Jornalismo da UFRGS



FLAVIO DUTRA/ARQUIVO JU - JUNHO 2013



Nada Será Como Antes – 2013, o ano que não acabou, na cidade onde tudo começou
Alexandre Haubrich
Porto Alegre: Libretos, 2018
216 páginas
R\$ 30,00 (preço médio)



Direitos dos Povos Indígenas em Disputa
Manuela Carneiro da Cunha e Samuel Barbosa (Orgs.)
São Paulo: Unesp, 2018
367 páginas | R\$ 69,00 (preço médio)

Embasamentos para a defesa

“O esforço despendido pelos autores deste livro é o de explicitar os riscos da adoção do mecanismo do marco temporal/renitente esbulho que lança à sombra o pactuado na Constituição.” Assim sintetiza Samuel Barbosa, um dos organizadores, o ponto central do livro *Direitos dos Povos Indígenas em Disputa*, o qual se concretizou a partir de seminário de mesmo nome realizado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo – onde Samuel é docente – em novembro de 2015. O que movia o debate dos participantes do evento e dos autores do livro era a questão formulada pela também organizadora Manuela Carneiro da Cunha: “Povos indígenas, expulsos de seus territórios em pleno século XX, perdem seu direito às terras?”. Sim, é o que vem respondendo em seus julgamentos o Supremo Tribunal Federal (STF), jogando para os índios o ônus de provar que continuaram resistindo fisicamente ou pelas vias judiciais – condições que provariam o renitente esbulho (roubo das terras pela expulsão de seus habitantes) – até 5 de outubro de 1988, data da

promulgação da Constituição Federal e que constitui o alardeado marco temporal. Os textos presentes na publicação – alguns mais próximos do estudo acadêmico que aprofunda casos bem específicos, outros mais próximos do discurso jurídico, outros ainda com discussões teóricas ou reconstituições históricas – formam um conjunto eclético, oferecendo diferentes entradas, de acordo com o perfil de cada leitor. Essencial tanto para quem começa a tomar contato com o tema dos direitos indígenas quanto para quem quer se aprofundar na discussão, a obra traz conteúdo consistente que serve de embasamento para a defesa dos direitos territoriais desses povos, como é o caso do parecer apresentado pelo advogado e professor aposentado da Faculdade de Direito da USP José Afonso da Silva. Em outra frente, Carlos Frederico Marés de Souza Filho, professor da PUC-PR, aponta o descompasso entre a noção de tempo no Direito, estreitamente ligada aos direitos individuais, e a questão indígena, que envolve povos essencialmente coletivos. (Felipe Ewald)



Carnaval Subjetivo
Diego Petrarca
Porto Alegre: Class, 2018
99 páginas | R\$ 35,00 (preço médio)

Experimentação total

Cheio de referências implícitas e de sofisticação literária, *Carnaval Subjetivo* faz jus ao seu nome: versos livres convivem com outras formas e expressões poéticas, marcando a obra por experimentações visuais expressas no tamanho e no tipo da letra e nos espaços em branco da página. Sétimo livro do porto-alegrense Diego Petrarca, o volume reúne poemas escritos entre 2015 e 2018. A temática se volta à paternidade, ao tempo e à busca do sentido da vida, além de, sutilmente, criticar a sociedade massificada e a verdade absoluta. A estrutura do todo se completa por meio de poesia: primeiro, há poemas pequenos, seguidos de um longo e finalizando com frases artísticas nas duas últimas partes. *Plantapés*, por exemplo, é um poema segmentado que descreve o desejo do ‘eu’ lírico por uma personagem anônima que dança à sua frente. O foco aqui está direcionado à experiência que impulsiona o desejo carnal da primeira pessoa, além de uma fabulada obsessão pelos pés. O amor próprio feminino, de certo modo, também é referenciado nos versos pelo autor.

Em *Slogans*, o movimento concretista aparece não tanto na forma, mas nas palavras, já que a contundência de certas frases basta por si. O sentimento causado no leitor é de, principalmente, surpresa. A escolha do tipo de letra, por outro lado, sugere um caráter expositivo, remetendo o leitor a placas informativas. Já em *Placas da Baixa*, a tipografia dos poemas traz a estética urbana, aproximando o leitor da rua. Nomes de bares, boates, cafés e restaurantes do bairro Cidade Baixa, de Porto Alegre, são recriados e redimensionados com um fim poético, causando sentidos inusitados e, ao mesmo tempo, plenamente possíveis. O autor poetiza, assim, letrados do bairro boêmio da capital gaúcha usando a intertextualidade. De modo geral, a obra nos remete diretamente à experiência cotidiana do autor, que a transforma por meio do seu olhar sensível em palavras escritas. E o resultado é esse: poemas concisos, repletos de musicalidade e lirismo, elaborados a partir de um impulso espontâneo com uma escrita fragmentada, mas sem perder a unidade. (Carolina Pastl)

Meu Lugar na UFRGS

Dedicação que marca



ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM

Quem vê o primeiro prédio de tijolos à vista à direita, na Faculdade de Veterinária (Favet) da UFRGS, não imagina o que tem ali. Logo na entrada principal, ao lado das catracas, há um esqueleto de avestruz, indicando o que vai se encontrar mais adiante. É o Prédio 36 da Favet, onde a professora de Anatomia Animal e coordenadora da Coleção Ornitológica da UFRGS, Ana Cristina Araújo, trabalha há seis anos. “Sempre estudei aqui, da graduação ao doutorado”, comenta sobre o vínculo de 19 anos que tem com o câmpus. Como professora da Favet, coordenou o projeto de restauração da Coleção Ornitológica da UFRGS, inaugurada em agosto do ano passado. Primeira do gênero no Estado, a exposição está no Prédio de salas de aulas da Faculdade, perto de seu gabinete de trabalho.

E isso também é significativo para Ana, que conheceu a coleção na graduação, ao entrar na faculdade. “Quando ia para as aulas de Anatomia, via essas peças no corredor deixadas de lado. E isso me incomodava muito”, relata. Quem diria que, anos mais tarde, seria ela quem encabeçaria a restauração de tudo aquilo.

A partir de um projeto de extensão, salvaram-se 62 dos 644 exemplares. Alunos, professores e técnicos da Faculdade de Veterinária e do Instituto de Biotecnologia participaram da atividade. “Agora, a coleção está em um espaço maior e mais visível”, analisa positivamente.

Na Universidade, Ana Cristina trabalha com morfologia de animais domésticos. Os exemplares disponibilizados pela faculdade incluem cavalos, ovelhas, porcos, cães, gatos e galinhas. Dentro do prédio em que leciona, há laboratórios com esqueletos vultosos e diversos órgãos mergulhados em formol dentro de caixas. Ana se orgulha: “são salas organizadas e bem equipadas,” além de mostrar o trabalho minucioso de montagem do material coletado.

A diversidade de espécies também surpreende quem entra no prédio. Muito disso vem da necessidade que os professores têm de possuir conhecimento

diversificado. “Temos que explicar no mínimo cinco espécies para os alunos, e elas são muito diferentes entre si”, pontua.

Ana já começou a dar aulas durante o seu doutorado como professora substituta, após o falecimento de Tânia, docente da mesma área. “Depois dessa experiência, pensei: ‘Acho que isso é algo que consigo fazer por uns 35 anos’”, lembra. Após um ano lecionando na Universidade Federal de Pelotas, foi chamada para ser professora no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS. “Mas o que eu realmente queria era ficar na Anatomia”, revela.

Com a criação do curso de Zootecnia, em 2012, o MEC liberou uma vaga para o departamento de Agronomia, que disponibilizou para a Morfologia. “E desde 2013, sou professora de Anatomia pela UFRGS”, registra sorridente.

Hoje, no prédio, ela ministra a disciplina para os cursos de Medicina Veterinária, Agronomia, Zootecnia e, a partir deste ano, como eletiva para Ciências Biológicas. “A nossa rotina é bem puxada, temos um volume muito grande de turmas e de alunos”, comenta. A estimativa é de que, até agora, quase duas mil pessoas já passaram pelas suas aulas.

E, apesar da matéria pesada, Ana faz parecer mais agradável. “Durante o período letivo, muitos alunos vêm aqui para tirar dúvidas ou até mesmo para conversar, tomar um café”, conta. Além dos laboratórios, também há escritórios e outras salas dentro do prédio que é o seu local de trabalho.

Ana, que sempre quis fazer o curso de Veterinária, é reconhecida pela sua dedicação e comenta a sua identificação com o Câmpus: “Me sinto muito bem nesse lugar. Até brinco com a minha filha que, quando morrer, quero que me cremem e joguem minhas cinzas onde estão as ovelhas (atrás do prédio onde trabalha), para que eu permaneça aqui”.

Carolina Pastl,
estudante do 4.º semestre
de Jornalismo da UFRGS

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Livre para sonhar

A monotonia de um dos cafés situados no Câmpus Centro se quebra quando o professor Stefano Florissi, da Economia, entra no estabelecimento. “Henrique, querido! Como vai o curso de Jornalismo?” Cada pessoa conhecida que passa pelo espaço ele cumprimenta pelo nome. Provoca-o perguntando se saber o nome de todos os estudantes é estratégia. “Não”, apressa-se. “É realmente uma questão de ter uma aproximação humana que, cá entre nós, me nutre profundamente. Cria uma sensação de estar em casa, em família. Hoje, a maioria dos meus amigos são ex-alunos. Chegou um momento em que eu percebi que quanto mais eu me soltasse, fosse eu mesmo, mais eu seria feliz dando aula e conseguiria sensibilizar os alunos.” Entretanto, nem sempre foi assim.

Em meados da década de 2000, Stefano viveu o ápice de uma profunda crise existencial e cogitou abandonar a Economia. Apesar da trajetória brilhante – ele começou o doutorado com apenas 22 anos na University of Illinois, nos Estados Unidos, e aos 27, em 1997, já dava aulas na UFRGS –, ou talvez por causa dela, o docente sentia que algo estava fora do lugar: a máxima da academia americana *publish or perish* (publicar ou perecer) não era para ele.

Certa vez, após palestrar em um evento organizado pelos alunos da Escola de Administração, uma voz ecoou da plateia elogiando-o pela forma descontraída com que havia se portado. “Não é sempre que vemos um economista falando assim do coração. De onde veio isso?” Ao que ele respondeu: “Quando criança, eu acreditava em um planeta povoado pelo Pato Donald e pelo Mickey Mouse...” Após uma pausa, completou: “... e ainda hoje acredito”. Quando se deu conta do que acabara de falar, na frente de mais de 300 pessoas, seu coração gelou. Porém, pela primeira vez em muito tempo, sentiu que havia recuperado a liberdade. “O que me faz cientista, a objetividade no coletivo, pode perfeitamente conviver com a liberdade individual de acreditar e sonhar”, concluiu. Stefano foi aplaudido de pé por todos os presentes. Foi um momento marcante em sua vida.

Um pouco mais tarde, descobriu o campo que viria a se tornar o foco de suas contribuições à ciência: Economia da Cultura. Em 2006 coordenou o primeiro curso de especialização da área no Brasil. “Antes, a Economia da Cultura era interpretada sob os olhos da economia tradicional. Nossa preocupação é entender a cultura como um processo de desenvolvimento das possibilidades de as pessoas terem mais recursos internos para serem felizes.”

Um alpino nos trópicos – No meio da entrevista, somos interrompidos pelo atendente que trazia sua refeição – “Obrigado pelo almoço, Rodrigo!”, agradece, gentilmente, apesar de já ser hora da janta. Seus horários não são a única diferença que chama a atenção em Stefano: ele é aficionado por séries de TV, dirige só carros alugados e muda-se constantemente. “Minhas posses são, basicamente, minhas roupas. Estou vivendo o momento mais livre da minha vida, me libertando um pouco do fardo dos excessos de coisas que normalmente carregamos e acumulamos.”

A autenticidade certamente se deve, pelo menos em parte, à sua criação. “Nasci em Recife em julho de 1969, mês em que o homem chegou à Lua, por isso eu vivo no mundo da lua... Foi o mês de Woodstock, de Stonewall, que começou o movimento pelos direitos gays nos Estados Unidos, mas o acontecimento mais importante foi o meu nascimento”, brinca. Seus pais tinham emigrado de uma região rural muito particular da Itália – que tem até idioma próprio, o friulano, que ele se gaba por “poder colocar no Lattes” – e vinham de famílias cujas diferenças sociais e econômicas eram grandes.

“Cresci nesse ambiente de contrastes culturais, em que eu particularmente me sentia muito diferente, sentia que não pertencia a canto algum. Toda a minha família morava na Itália e eventu-

almente eu era comparado com meus primos de lá, além de coisas do tipo: lá tinha Nutella e aqui não”. Foi na graduação, cursada na Universidade Federal de Pernambuco, que começou a se dar conta de sua brasilidade: “Todos nós, na infância e adolescência, construímos barreiras, senão fica impossível sobreviver, mas essas barreiras não servem mais na medida em que vamos crescendo. Por isso, acho que as pessoas entram na universidade para se abrir para a vida, para expor a si próprios”.

É isso que ele tenta, hoje, reproduzir na sala de aula. “Me considero um pouco um desorientador. Prefiro incentivar os estudantes não com respostas, pois não as tenho, mas com certa abertura para a dúvida. Vamos quebrar nossas estruturas, vamos não entender o que virá, vamos abrir mão da nossa necessidade de controle. Com a espontaneidade vem a sabedoria.” Apesar de vários artigos publicados e da progressão para professor titular, nível mais elevado na hierarquia da carreira docente universitária, em 2018, Stefano sente que as maiores conquistas de sua trajetória foram as vezes em que foi escolhido como homenageado ou paraninfo. “Acho que é para isso que eu existo profissionalmente: para dar aula”.

Henrique Moretto,
estudante do 8.º semestre
de Jornalismo da UFRGS



ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM



85 anos de vivências

TEXTO **EQUIPE DO MUSEU DA UFRGS**
FOTOS **ACERVO DO MUSEU DA UFRGS**

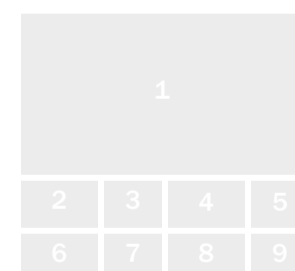


Segundo Boaventura de Souza Santos, a especificidade da universidade enquanto bem público “reside em ser ela a instituição que liga o presente ao médio e longo prazos pelos conhecimentos e pela formação que produz e pelo espaço público privilegiado de discussão aberta e crítica que constitui”.

Desenvolvimento científico, pensamento crítico, formação de cidadãos, história, cultura e vida estão presentes nos fazeres cotidianos de uma universidade. As fotos da coleção do Museu da UFRGS mostram esse processo no qual estudantes e membros da comunidade em geral participam de atividades de ensino, pesquisa e extensão, em uma história de mais de um século – ainda que a fundação oficial tenha ocorrido em 1934.

Esse conjunto de imagens convida a conhecer o acervo do Museu e a reforçar os vínculos afetivos com a Universidade, ativando memórias e potencializando a interação entre a instituição e sua comunidade.

PARA SABER MAIS SOBRE O ACERVO,
CONSULTE O SITE
[HTTPS://WWW.UFRGS.BR/MUSEU/ACERVO/](https://www.ufrgs.br/museu/acervo/),
OU ENTRE EM CONTATO PELO E-MAIL
ACERVOMUSEU@UFRGS.BR



- 1 | SAÍDA DE CAMPO DO CURSO DE CIÊNCIAS NATURAIS NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL (DÉCADA DE 1950)
- 2 | OPERADOR NOS ESTÚDIOS DA RÁDIO DA UNIVERSIDADE (DÉCADA DE 1950)
- 3 | ESTUDANTES DOS CURSOS DE MEDICINA, FARMÁCIA E ODONTOLOGIA EM AULA PRÁTICA (DÉCADA DE 1940)
- 4 | AULA DE REDAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO (DÉCADA DE 1960)
- 5 | AULA DO ATELIER DE PINTURA DO INSTITUTO DE ARTES (DÉCADA DE 1970)
- 6 | ATIVIDADES ESPORTIVAS NA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA (DÉCADA DE 1980)
- 7 | AULA PRÁTICA DO CURSO DE AGRONOMIA NA ESTAÇÃO EXPERIMENTAL AGRONÔMICA (DÉCADA DE 1970)
- 8 | CONCERTO DE INAUGURAÇÃO DO PRÉDIO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM (ANO DE 1985)
- 9 | ESTUDANTES NA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS (DÉCADA DE 1990)